

## O *DONO DA LUA*, de Pedro Palma

O *Dono da Lua* é um romance extenso e denso, e, que procura «descarregar» sobre o leitor uma vasta quantidade de informação (peripécias ficcionais) distribuída, a meu ver, de forma indubitavelmente equilibrada, por muitas páginas recheadas de personagens que são o veículo de diversas e, por vezes, contraditórias mundividências (manifestações da liberdade individual que, como não podia deixar de ser, entram em contradição com as imposições de uma realidade social fracturada e obsidiante): assim é a realidade da vida e, em particular, a(s) realidade(s) da(s) vida(s) de ficção.

Um dos aspectos mais interessantes desta obra reside, diga-se desde já, na aparente dicotomia entre o tema tratado (em última instância, a questão da vida e da morte), que tem sido preocupação persistente em toda a literatura, e a sua abordagem, que é, não só pelo modo como o olhar do autor nele se fixa (enquanto expressão de pontos de vista diferenciados), mas também pelos estilemas mais utilizados, extremamente moderno, actual: o tema é, podemos dizê-lo sem temor de erro, «manipulado» através de uma sequência de *loci*, concretos e mentais, que obrigam o leitor a uma constante atenção crítica que só é possível à custa de uma grande disciplina de leitura: mas não disse um grande pintor que se lhe custou tanto esforço a criar as suas obras, por que razão não há-de o observador estar sujeito ao mesmo?

Há, por outro lado, neste livro uma esquiva dimensão autobiográfica (expressa através de referências que podem ser mais ou menos identificáveis: não é despidendo considerar as pessoas a quem o autor dedica a obra e o modo como o faz, para assim nos introduzir de imediato num universo preciso) que se resolve em ricas tonalidades irónicas e nostálgicas. Lord Byron, que dominou como poucos escritores, estas tonalidades (a ironia e a nostalgia: às vezes a nostalgia do que não existe ainda) escreveu: «[...] a melancolia é uma dádiva terrível. Que há-de ser senão o telescópio da verdade?» De facto, os tempos que vivemos (os descritos em *O Dono da Lua*) são terríveis, sinistros mesmo. Cada um dos nossos ingénuos e nervosos olhares antecipa um provável acontecimento desastroso. Quase todas as manhãs, quando acordamos para o mundo, a paranóia sacode-nos e alerta-nos, fazendo-nos cambalear sob um céu carregado de espectros. De noite, o medo persegue-nos sob o manto da escuridão. É assim que grande parte das personagens se sente e sente o mundo: tenta resistir a estes maus presságios (uns mais nítidos, outros mais vagos), esforçando-se por encontrar a maneira mais adequada de os definir e de os combater, esperando que através dessa definição (que, antes de mais, é uma enumeração) encontrar um sentido, um pista, por mais ténue que seja, para o seu desassossego. (Atente-se na selecção dos passos da *Bíblia* que servem de epígrafe aos diferentes capítulos e que se também relaciona com o que vem a seguir.)

Há ainda um rio subterrâneo, de águas muito apocalípticas, que banha as profundezas deste romance vindo de uma nascente escondida no espírito de todos os seres humanos: o que é, como se manifesta e se alcança a felicidade? O que, no fundo, este livro nos diz é que não é possível chegar a um qualquer estado de felicidade através de processos externos, de manobras dilatórias, tão-só através de uma introspecção levada até às suas últimas consequências, seja lá qual for o preço a pagar: os caminhos são diversos, mas estão todos dentro das personagens (de nós, afinal): resta-lhes (e a nós) optar pelos mais convenientes às suas (nossas) singularidades, idiossincrasias, que devem ser assumidas na plenitude das suas implicações.

Permito-me, para concluir, apresentar uma sugestão que, do meu ponto de vista, poderia enriquecer ainda mais esta obra, cujo fôlego narrativo e cuja pertinência intelectual são inquestionáveis: fazer um trabalho de revisão formal para burilar alguns diálogos e eliminar algumas cenas que se apresentam como redundantes, sublinhando-se assim a sinceridade e a força sentimental com que *O Dono da Lua* foi concebido e executado.

Salvato Teles de Menezes

PEDRO PALMA

## **O DONO DA LUA**

**De Cascais a Nova Iorque  
com paragem no Hospital Universitário de Caracas.**

**Se Deus existisse nunca teria permitido que eu escrevesse este livro.**

Para a minha filha Noor  
com a esperança que este livro a ajude a escolher um de dois caminhos.

Para o meu filho Ayaz  
como prova que Deus existe. Na nossa mente, onde reside também o nosso coração.

Para a minha Mãe  
como homenagem a alguém que nunca teve oportunidade de ir à escola e que aprendeu a ler e a escrever, apenas pela persistência de o querer, por amor e pelo facto de ler muitos mais livros por ano do que eu próprio.

Para Anna Paula de Los Milagros Vyana  
única personagem real deste livro.

Para todos aqueles que acreditaram em mim, incluindo a minha mulher.

Em memória ao meu Pai que era agnóstico e é capa deste livro.

## ***CAPÍTULO PRIMEIRO***

### ***GÉNESIS***

*No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.*

A rapariga gostava de se levantar cedo e ir vendo, lentamente, o acordar do bairro. Na penumbra dessa manhã fresca, e ainda silenciosa, iria iniciar algo tão fantástico, que, por muito que tentasse, não teria capacidade de imaginar no que se estava a meter. Do seu ponto de vista era apenas o início de uma pequena brincadeira, a fim de estudar a reacção de vários tipos de pessoas, sobre um tema, para um trabalho de sociologia. Nada mais.

Entrelaçou as mãos delicadas e deixou os dedos soltarem estalidos, como fazem os pianistas antes de atacarem o teclado. Sobre a mesa do computador, extremamente desorganizada, amontoavam-se livros e papéis, objectos tão diferentes como um iPod, dois telemóveis, canecas com lápis e canetas, uma

fileira de chávenas sujas de café, um cinzeiro a derramar beatas, mas onde cabia, sempre, ainda uma. Uma confusão que ela prometia arrumar todos os dias, ao levantar-se, mas que só a Isabel, a empregada que ia lá a casa duas vezes por semana, cumpria. A Isabel era a sua pagadora de promessas.

A moldura preta do ecrã do computador estava decorada por pequenos post-its com vários números de telefone anotados, e por um papel maior, de mancha vermelha de um folheto de uma pizzaria, que se destacava nos salpicos de amarelo pálido. Ela sorriu, como se fosse fazer uma malandrice inocente; e a seguir começou a teclar, a uma velocidade alucinante, mas segura, com a mesma convicção como se fosse iniciar um denso livro, uma tese. Soou o tiro de partida, com o primeiro pressionar de tecla.

*21, de Março*

*Meu amigo,*

*Decidi criar este blogue para iniciar e manter uma discussão ampla e aberta sobre um assunto que a todos diz respeito e sobre o qual me debruço há muitos anos, uma questão que só por si merece uma análise aprofundada. A Vida e a Morte.*

Enquanto teclava, efusivamente, sentia o vento da manhã, como se o visse, um espectro inundando o pequeno escritório instalado no quarto, com o cheiro do rio agarrado, que entrava pela janela e a enchia de energia, Vai em frente, dizia-lhe o vento com cheiro a mar. Mas ir em frente seria onde? Sabê-lo-ia o mar? Sabê-lo-ia o vento?

*Fiz há dois meses e pouco, sessenta e nove anos e há muitos que pondero sobre a possibilidade, cada vez mais forte, de colocar fim à vida no dia em que completar os setenta, daqui a pouco menos de dez meses. Na verdade era para o ter feito quando completei sessenta e cinco, mas algum tempo antes decidi esperar, pois senti claramente o receio inequívoco de ainda não estar preparado. Nestes cinco anos fui desenvolvendo raciocínios e criando teorias sobre o que poderá ser na verdade a vida, e, sobretudo a morte. Escrevo, agora, com o desejo de partilhar os meus pontos de vista, as minhas teses, os meus pensamentos... enfim, o que me vai na alma, com todos aqueles que tiverem pachorra de comigo dialogar, ou, simplesmente, de me ler.*

*No dia 17 de Janeiro do próximo ano, irei colocar termo à vida, de forma a encontrar uma verdade que toda a humanidade procura desde sempre. O que acontece depois da*

*morte? O que há para além dela? Cheguei a uma conclusão que irei defender neste espaço aberto, apontando caminhos e desbravando florestas do pensamento. Dizer que não acontece nada depois da morte é demasiado simples e vago mas a resposta pode resumir-se a isso mesmo, não acontece rigorosamente nada porque a morte, a Nossa Morte, não existe. É algo que apenas ao próprio diz respeito. Mas mais importante do que acabei de escrever é o porquê desta conclusão, por que não existe morte? Pois bem, não existe morte porque não existe vida, não existindo uma, não existe a outra. Não se precipite em julgar-me já, pois creio que consigo provar o que afirmo e isso é o que irei tentar fazer neste espaço, mas a prova final, a prova dos nove, só a terei comigo daqui a dez meses.»*

As mãos finas e trémulas, agitadas de excitação, acenderam outro cigarro. A rapariga ficou por momentos a olhar para o ecrã, como se tentasse compreender o que ela própria estava a escrever. No lado oposto ao da janela, onde o cheiro do rio no ar ia desaparecendo aos poucos, ouviu-se o buzinar insistente de um automóvel que encontrava o caminho bloqueado, por qualquer motivo que ela desconhecia, mas nem isso a desconcentrou do ecrã do computador.

*O sonambulismo pode ser o que de mais parecido existe com uma hipotética vida para além da morte. A memória real é misturada com a memória do sonho, de tal modo que não se consegue distinguir o que é sonho do que é realidade. Você esteve de facto no sítio com que sonhou, falou de facto com as pessoas com quem sonhou, e estava acordado durante o sonho pois os seus cinco sentidos estavam activos, vivendo, por assim dizer, uma espécie de segunda vida. Agora tente imaginar que não há rigorosamente diferença nenhuma entre o sonho e a realidade, uma situação muito mais complexa que o sonambulismo. Isto é, enquanto sonhamos o nosso sonho é a nossa realidade: nós vemos, ouvimos, sentimos, enfim, temos a plena posse de todas as nossas faculdades mentais. Mais, até: de repente temos os nossos cinco sentidos reunidos num só. Não precisamos de olhos para ver nem de ouvidos para ouvir. A nossa percepção sensorial é feita a partir de um ponto único que existe no sonho que nós não conseguimos localizar — um ponto imaginário no infinito da mente, por momentos, o centro de todo o universo.*

*Curiosamente, nunca morremos num sonho. Quantas vezes acordamos no exacto momento em que vamos cair de um precipício? É uma forma que a nossa mente utiliza para não morrermos, mas que nos permite experimentar uma antevisão da morte. Imagine que, enquanto acordado, tinha a mesma capacidade de se proteger da morte como num sonho. E, muito provavelmente tem. Mas, só a usa como último recurso, porque tem a necessidade de evitar a morte no momento errado. Este raciocínio pode não parecer coerente no agora, mas verá que, com o passar do tempo, construirei para ele uma linha de reflexão clara e inequívoca.*

*Neste preciso instante, enquanto lê estas palavras, acha que está acordado? Tente admitir a possibilidade de estar a sonhar. Amanhã, se quiser, pode ler de novo este texto — isso constitui prova de que esteve acordado agora? A prova do amanhã não prova que o leu hoje. Aliás não prova nada do que fez, ou que pensa que fez hoje. É apenas a sua memória lho confirma. E, sendo a memória coincidente, é natural que tudo esteja sincronizado de acordo com o seu arquivo dos sentidos, dos seus cinco sentidos; e até aqui podemos encontrar conflitos, como no caso do déjà vu. Esse conflito de memória poderia constituir prova que afinal há registos simultâneos de acontecimentos diferentes, como se cada um de nós tivesse vivido uma segunda ou mais vidas. Por vezes basta um odor para nos transportar numa viagem no tempo, rápida e precisa, que de repente nos traz uma imagem, desenterrada do subconsciente de um determinado facto, num sítio concreto, numa determinada época.*

Desta vez foi a grade de ferro da porta do Café, mesmo do outro lado da rua, que emitiu o seu guinchar característico quando se abria. Sete da manhã. Logo a seguir, ouvia-se o ranger das três portas brancas, agora todas abertas para deixar a sair o bafo alcoólico do dia anterior, ao mesmo tempo que lhe chegava o som das chávenas e dos pires, acabados de sair da máquina de lavar loiça, ao serem alinhados em cima da máquina de café expresso. A rapariga sentiu um desejo quase irreprimível de ir imediatamente tomar a sua primeira bica do dia, acompanhada pela fiel água com gás, bem fresca — assim mesmo como estava, em pijama e descalça. Achou melhor certificar-se primeiro de que os seus pensamentos iniciais continuavam a alinhar-se correctamente. Voltou a pousar os dedos no teclado, adiando a bica.

*Quando, no dia 17 de Janeiro do ano que vem, der um tiro na cabeça — claro que, para já, não sei bem se será exactamente este o processo que utilizarei — sei que vou dar um grande salto na cama e acordar de um pesadelo terrível. Ou então vou, simplesmente, acordar, com toda a serenidade. Sem uma única recordação do que possa ter acontecido. Não sei em que era, se no passado ou no futuro, não sei de que forma nem com que idade, mas sei que é isto que vai acontecer. Abrirei os olhos de manhã como o faço todos os dias, sempre com o mesmo aspecto. Podemos acordar com vinte anos, com quarenta ou com sessenta: é indiferente, porque o nosso aspecto físico está registado na memória visual recente, aquela que mais facilidade tem em ser alterada antes de se reorganizar de forma sincronizada com a memória mais antiga. É a sincronização da memória que nos diz a idade que temos, se somos homem ou mulher, se somos saudáveis ou estamos doentes.*

As mãos fizeram nova pausa. Ouviu-se um novo estalar de dedos. Acendeu-se mais um cigarro. A rapariga com ar de menina levantou-se e foi à cozinha

preparar um café dos seus. A bica do Café ainda ia ter que esperar, porque uma interrupção, naquele momento, poderia alterar-lhe, ou pelo menos distorcer-lhe, o segmento inteiro de uma ideia ou o brilho de uma analogia. O vento já não brincava com tanto vigor nos seus cabelos. O relógio do computador dissera-lhe há pouco, baixinho, que eram sete e um quarto. Bebia o café com o mesmo vagar com o que fumava outro cigarro, enquanto perguntava a si própria se queria realmente fazer aquilo. Sim. Queria. Claro que queria. Tinha que o fazer.

*A memória, ou os diferentes níveis de memória e os segredos da sua sincronização, são a única via desimpedida para a ocorrência dos milagres. A Igreja recorre a estes fenómenos para tentar explicar aquilo que é inexplicável, embora esteja sempre associado a um ou mais dos nossos sentidos. Mas, para além dos milagres religiosos também o mundo científico se depara cada vez mais, com casos que não consegue explicar e recorre também ao mesmo substantivo usado pela Igreja. A memória sincronizada permite que você se deite mulher e acorde homem sem dar por nada, uma vez que de acordo com os registos da memória você é a mesma pessoa todos os dias. No entanto, as informações que chegam ao cérebro são reorganizadas segundo a segundo, pelo que todos os dias, ao acordar, somos aquilo que essa informação, registada e organizada, quiser que sejamos. A esquizofrenia pode ilustrar na perfeição o efeito da ausência de sincronização da memória, ou, se preferir, um conflito da memória sensitiva: a informação dos sentidos chega atabalhoadamente ao cérebro e é processada de forma desorganizada, desencadeando visões múltiplas e confusas e com sensações auditivas deturpadas.*

*A nossa idade, por exemplo, não pode existir em termos concretos. Tem, sobretudo, a ver com o sentido da visão e com a imposição do calendário. Se você abdicar da visão, e do calendário, torna-se imortal. Sem visão, não podemos ver o nosso aspecto: os papos dos olhos, as rugas, o duplo queixo — todos os sinais de envelhecimento desaparecem. Sem calendário, perdemos a capacidade de registar a nossa idade, pois não temos condição mental para contar os dias de vida por muito tempo. O que pensa o meu amigo que um indígena da África mais recôndita lhe responderia se lhe perguntasse quantos anos tem? Você, que está a ler-me acredita mesmo que esse tipo, o nosso indígena, chamemos-lhe assim, receia a morte como você a receia? Acha que ele tem uma percepção mórbida da morte como você tem? Ele apenas se defende instintivamente para sobreviver, podendo considerar o fim da vida, como um prémio, como uma bênção: não teme a morte, porque, na verdade, lhe atribui outra dimensão. Provavelmente apenas acha que um dia adormecerá e acordará no corpo de um recém-nascido, humano ou não. Acredita na reencarnação, e portanto, na imortalidade. E porque será que é precisamente em África, o continente considerado berço da humanidade, é, também o único local da Terra onde a religião não está associada a um ou mais deuses? Onde não foram erguidos templos de culto, antes do nascimento das três religiões monoteístas no Médio Oriente? Neste continente, o sentimento que existe mais parecido com uma religião é uma espécie*

*distante de paganismo onde a vida a morte se misturam, em rituais onde os vivos são possuídos pelos espíritos dos antepassados, estabelecendo uma cadeia contínua entre os que partiram e os que hão-de vir.*

A rapariga deixou o olhar ir, por momentos, atrás do grupo de homens das obras que rumava ao Café. Apetecia-lhe estar já no meio deles, mas voltou a conter-se. Ainda perdia a mão e deixava de escrever por instantes na pele de um homem idoso que planeia o seu suicídio. Uma frase dissonante bastaria. Foi molhar o cabelo, para sentir melhor o zéfiro que lhe entrava pela janela. Bebeu mais do seu próprio café. Roeu a ponta de uma unha quebrada. E continuou.

*Por vezes pergunto-me se serei só eu que tenho a capacidade de ver o mundo a partir do meu interior. A ser verdade então devo ter um papel muito especial. Se Deus existisse, esse Deus só poderia ser eu ou estar dentro de mim. Ou todos temos a capacidade de nos vermos a partir de nós próprios, o que é impossível de me ser provado, ou estamos todos incapacitados de nos vermos a nós próprios. Ou sou o dono exclusivo da verdade, ou nem sequer existo enquanto ser. Sou o meu próprio pai e filho de mim próprio: sou uma criação minha, o que implica que todos os que habitam o meu universo o são também. Nesse caso, nada poderia existir, pois não passaria de um fruto da imaginação — e a imaginação não passa de algo volátil que nasce na mente, e se derrama como um regato, num rio e depois num oceano.*

*Se me olho num espelho, vejo uma imagem que não é a minha, pois está invertida. No entanto o meu cérebro aceita-a como sendo minha por uma razão de lógica. Se me é tirada uma fotografia, revejo-me nela mas mais uma vez essa visão de mim próprio é transmitida ao cérebro por um único canal, unidireccional. Mas eu não tenho apenas um sentido, como faria todo o sentido, e que pelo qual me pudesse ser dada toda a informação disponível — visão, audição, tacto, paladar e olfacto. Com estes cinco sentidos num só, poderíamos, nesse caso sim, considerar a informação processada como fidedigna.*

*Não será exagero dizer que o Homem já criou há muito a mais mortífera das armas e nem se deu conta disso, ao inventar a unidade métrica do tempo que nunca mais parou de dividir. O Homem reparou que o Sol estava a pique quando tinha passado metade do dia e a sombra deixava de existir. Passou a dividir o dia em metades, em horas, e num sem fim de subdivisões que os nossos próprios sentidos já não conseguem acompanhar. Creio que foi no Antigo Egipto que o sistema de numeração duodecimal foi perfilhado para dividir o tempo. Curiosamente, o tempo que começa por ser dividido à dúzia, passa*

*a sê-lo pelo sistema decimal a partir da divisão do segundo, um décimo, um centésimo, um milésimo, um milionésimo de segundo. Mas para que precisa o Homem de dividir o tempo desta forma mesquinha e absurda? Uma hora tem cinco dúzias de minutos. Cinco, sendo metade de dez, faz parte, enquanto número, do sistema decimal. Isto é, o dia é medido em dois sistemas numéricos. Só não sei é porquê e par quê. Mas, mesmo com a divisão do tempo desta forma eu sei que, quando no dia 17 de Janeiro, completar setenta anos de idade, completarei 3.640 semanas, 25.550 dias – não considerando os anos bissextos – ou seja, 613.200 horas, 36.792.000 minutos de vida, imagine. O que dará 2.207.520.000 segundos. Eu ajudo: dois biliões, duzentos e sete milhões e quinhentos e vinte mil segundos. Acho que não vale a pena multiplicar este número por dez, por cem, por mil, para saber quantos milionésimos de segundo eu terei vivido. Setenta anos já passaram tão depressa que o tempo não faz sentido nenhum.*

*Repare, por exemplo, na teoria simplicista que desenvolvi em relação ao tempo, embora aceitando a divisão do dia tal como ela está feita, em vinte e quatro horas: imagine se a vida não seria mais fácil, mais divertida e muito mais genuína se fossem eliminados os fusos horários que percorrem o planeta de alto a baixo em linhas, imaginárias, tão distorcidas como os interesses político e económico dos países por onde passam. Com a abolição dos fusos horários perder-se-ia a noção onde começa o dia, às zero horas, que actualmente é na linha de Greenwich e que nos dá como referência o Tempo Médio – substituído pela abreviatura UTC, Universal Time Coordinated – ou seja, hora Zero, sendo que é a partir deste risco imaginário que se rege o tempo de todo o Mundo. A partir do meridiano de longitude zero, com contornos que ficam muito aquém de uma linha recta.*

*Vamos levar a imaginação ao limite e tentar medir as vantagens do que aqui proponho e que é, pura e simplesmente, uma hora igual para todo o planeta.*

*Se viajarmos de avião entre São Francisco, nos Estados Unidos, e Tóquio, no Japão, no sentido de Este para Oeste, ou seja, ao encontro do meridiano 180°, a viagem pode demorar qualquer coisa como onze horas, mas como São Francisco vive atrasada no tempo oito horas e Tóquio anda adiantada oito, quer dizer que a viagem demoraria na verdade menos cinco horas, o que faz um americano viajar no tempo, num autêntico regresso ao passado, desde que não faça qualquer acerto no seu relógio. Teoricamente, só seria possível viajar no tempo desde que pudéssemos viajar a uma velocidade superior à da luz, mas, aí, iríamos na direcção do futuro.*

*Com uma hora internacional idêntica, o único facto que mudaria, de forma universal, seria a hora do nascer e do pôr-do-sol – e claro, os horários de trabalho das pessoas espalhadas pelo mundo. Com uma pergunta simples feita a um habitante de Nova Iorque, “A que hora nasce o sol aí?”, a que ele responderia de forma elucidativa, “nasce ao meio-dia!” e pronto, deixar-se-ia de utilizar as expressões AM e PM (ante meridiem*

*e post meridiem) e toda a gente passaria a usar um relógio que em vez de 12 horas tivesse 24 números no mostrador, a quantidade exacta de horas que um dia totaliza. Saberia assim, de acordo com este reflexão que se quisesse telefonar para Nova Iorque durante o horário de expediente o teria de fazer entre as 14:00 e as 00:00 horas, estivesse você onde estivesse. Seria simples. E viajássemos, de onde e para onde quer que fosse, a nossa viagem teria uma duração de tempo real, uma vez que não seria necessário qualquer acerto no nosso relógio de forma a respeitar fusos horários, acabando, assim, muito provavelmente, o efeito do jet lag.*

*É claro e óbvio que o tempo, regido pelo movimento da Terra em torno do Sol tem muito a ver com a possibilidade de haver ou não vida, existir ou não a morte. O tempo é aquilo que nos dita a vida. O tempo é pois, para já, o único deus possível.*

*Seu,*

*Dono da Lua*

Desenhou-se um sorriso na cara de menina da rapariga, apesar de se sentir um pouco assustada. Acendeu outro cigarro. Eram nove horas da manhã do primeiro dia de Primavera quando meteu o texto on-line num blogue a que criou e ao qual deu o nome de O Dono da Lua. Saiu para tomar um, dois, três... cafés à séria, verdadeiras bicas, acompanhadas da fiel água com gás.



Passavam vinte minutos das zero horas do dia 26 de Março, quando Ricardo terminou o seu editorial para a edição de segunda-feira do *Tribuna*, e estava deveras cansado. Com a cabeça apoiada nas mãos e os braços apoiados, pelos cotovelos na secretária, olhou para o monitor como se tentasse vê-lo por dentro. Ah que bem me saberia se pudesse ir para casa sem que tivesse que carregar o meu corpo nem fazer uma viagem de carro de quase meia hora. Pensou. Separavam-no da cama vinte quilómetros de auto-estrada. Meia hora de carro.

Levantou-se num impulso, sem saber de onde lhe viera aquela energia súbita. Encaminhou-se para a máquina de café e preparou um expresso que bebeu em três goladas, a última já na casa de banho. Meteu a cabeça debaixo da torneira. Sentiu uma espécie de choque eléctrico quando jorrou a água fria. Agora estava desperto e parecia que o cansaço se fora com a água pelo ralo do lavatório. Voltou ao gabinete e guardou na pasta as folhas de papel que imprimira momentos antes. Vestiu o casaco de pele de porco — já não se lembrava de há quantos anos tinha aquele casaco, mais de dez, seguramente — desligou o computador e despediu-se da única alma que estava no jornal, Gonçalves, o segurança.

Ricardo sempre detestara estacionar em parques subterrâneos, por isso não utilizava a garagem do jornal. Fez o curto trajecto até onde tinha estacionado debaixo uma chuva miudinha, aquela famosa chuva molha-parvos. Sabia-lhe bem, pulverizando-lhe a cara. O casaco de pele de porco protegia-lhe o tronco. Só molhava a cabeça, como uma carícia. O comando à distância ajudou-o a localizar o carro, quando carregou no botão e se ouviu um som estridente ao mesmo tempo que os piscas faiscaram. Pôs logo a música tão alto quanto possível. Era um CD gravado em MP3 com todos os álbuns dos U2. Há meses que não trocava de disco. De janelas fechadas dava para sentir as vibrações sob o seu assento. Quando entrou na auto-estrada, encostou-se à faixa da direita e

ligou o seu piloto automático especial. Fixava o ponteiro do conta-quilómetros nos oitenta, e depois deixava-se vogar pelos pensamentos mais distantes ou disparatados durante o período de relaxe marcado pela viagem.

Desta vez, pensou no seu divórcio com a Mariana, e como ela, quase dez anos depois, ainda estava tão entranhada na vida dele. Talvez por nenhum dos dois ter voltado a casar. Pedia-lhe opinião para tudo, até para dar um peido.

A razão dessa ligação tinha um nome: Sofia, a filha de ambos. Foi pena a Mariana ter-se deixado cair no álcool, isso incomodava e entristecia muito a miúda. Ele ainda tentara uma nova relação, mas não resultou. Não durou nem um ano. Nem podia ter durado mais. Cioso que era do seu espaço, Ricardo nunca conseguiu habituar-se a uma casa que não era a dele. Não era o seu lar. “O nosso lar até pode ser na rua, se formos os únicos a mijar na nossa árvore da nossa rua.” Tinha lido isso algures.

Passou quase todo o fim-de-semana a dormir, pouco se importando até com Tycao, o seu melhor companheiro nos momentos de maior solidão. O director adjunto do Tribuna estava esgotado, e sentia uma necessidade enorme de repousar o intelecto. Tomou benzodiazepinas para forçar o sono prolongado, e só acordou às seis da tarde de sábado. Deu de comer ao Labrador, fez uma refeição congelada para si, e passou o serão a ler e a ver um DVD dos muitos que comprava regularmente. Mais benzodiazepinas, e voltou à cama perto das duas da manhã de domingo. Sonhou toda a noite com relógios. Gostava muito de relógios, e, ao longo da vida, tinha coleccionado — apesar de detestar a palavra colecção — uma boa dúzia deles. Lembrou-se de que, no sonho dessa noite, vira muito nitidamente um em particular, de que até sabia a marca e o modelo. Mas o sonho era sobre o tempo, e os relógios eram no sonho o que são na vida real, acessórios. Um sonho deveras confuso e perturbante.

Eram dez da manhã de domingo quando se levantou. A primeira coisa que fez foi acender um cigarro. Era o que fazia sempre ao acordar. Preparou um café, que era sempre a segunda coisa que fazia. Foi para a sala desarrumada, onde acendeu outro cigarro. Pegou no telefone e marcou um número guardado em memória.

Respondeu-lhe a voz rouca e sensual de Mariana, que começou logo a tratá-lo como se ele fosse uma criança irresponsável quando Ricardo lhe disse que queria falar com a Sofia.

Ricardo, sabes que horas são? Tu sabes que dia da semana é? Hoje é domingo, e o domingo segue-se ao sábado, e são dez e um quarto, e a Sofia tem vinte anos.

Tu, quando tinhas vinte anos, deitavas-te a que horas no fim-de-semana, Ricardo? Provavelmente, estava irritada por ter sido ela própria acordada tão cedo.

Mariana adorava dormir. Para ela, dez da manhã, a um domingo, era quase madrugada. Queimava horas em conversas fúteis e efémeras com o próprio computador, em diálogos on-line com gente que não conhecia, e que, muito provavelmente, nem iria nunca conhecer. Era isto que Sofia lhe contava: que a mãe passava noites em claro, rindo que nem uma louca em cavaqueiras internéticas. Ricardo pediu-lhe que dissesse à Sofia para lhe ligar quando acordasse. Desligou sem se despedir, como era costume.

Tentou dar uma pequena arrumação na sala. O cão estava deitado no tapete, e Ricardo fez-lhe uma festa na cabeça. Apanhou do chão várias revistas espalhadas. Escolheu uma TIME antiga e deitou-se no sofá. Começou a ler, devagar, sobre a guerra civil no Ruanda, enquanto dava pequenos sorvos de café, já frio. Depois da reportagem miserável, da qual ele conhecia muito bem os contornos, que acompanhara com os próprios olhos, estampou-se-lhe um sorriso na cara ao dar com uma página de publicidade. Não era aquele o relógio de que se lembrava no sonho, mas era da mesma marca. Começou a fazer contas em pensamento, mas desistiu, apesar de sentir quase como que absolutamente necessário adquirir o relógio do sonho - o que admitiu, ou tentou admitir, ser um enorme disparate. Naquele momento, Ricardo ainda não imaginava que daí a oito horas, estaria a colocar no pulso um relógio de quase trinta e cinco mil euros, abdicando assim de uma viagem que vinha programando há quase dois anos.

Voltou a adormecer no sofá e Tycao respeitou o descanso do dono, retirando-se para o jardim. A televisão enorme ficou ligada na BBC-World quase em silêncio, e foi assim que Ricardo perdeu a reportagem com uma entrevista a Franck Muller, o relojoeiro suíço que lhe tinha entrado no sonho através de uma das suas criações. Se tivesse visto a peça teria achado a coincidência excessiva, e talvez desistisse da ideia que o assalaria dali a algumas horas, levando-o a optar por um de dois caminhos: aquele que o levaria à Patagónia, e aquele que lhe traria um relógio muito caro para o pulso. Ricardo nunca iria à Patagónia, como se isso estivesse escrito numa folha de papel, guardada algures, com um carimbo vermelho que dizia: Não-Destino.

Agora o Ricardo estava vagamente estupefacto em frente ao monitor. Acendeu um cigarro e deixou cair os braços sem desviar o olhar. Levou o cigarro à boca com preguiça, e inspirou todo o fumo que o travo lhe permitiu. Depois soltou-o

lentamente pelo nariz. Alguém escrevera aquilo de forma séria, ou estaria nalgum estado alterado de consciência? Deixou vaguear o pensamento, tentando identificar a personalidade do autor do texto aberto à sua frente. Pensou na sua própria vida. A seguir, pensou na vida de uma forma mais generalista. Acabou por resumir-se à sua exclusiva existência. Na verdade, era a mesma que a do resto da humanidade. Esse tal de Dono da Lua não deixava de ter uma visão original e reflectida sobre existência do Homem, da Vida, do Universo.

Aquele blogue aberto por acaso não tinha nada de especial. Poderia encontrar disparates daquele às dezenas na Internet. No entanto, havia qualquer coisa nele que lhe dizia que aquelas palavras lhe eram dirigidas. Era como se visse uma verdade que nunca lhe tinha passado pela cabeça. Estavam ali respostas a perguntas que nunca colocara — e, por isso mesmo, nunca as encontrara. Isto em quarenta e cinco anos de vida, pelos vistos menos vinte e cinco do que esse Dono da Lua. Parecia ter a ver com o seu sonho. Ricardo percebeu como tinha ido parar ao blogue. Limitara-se a meter no motor de busca o nome Franck Muller. Havia uma referência a Master of Complications, e foi através desse link que lhe apareceu aquilo no computador. Releu os textos com atenção redobrada. Guardou o endereço do blogue nos Favoritos, fazendo um reencaminhamento para o seu próprio e-mail. Mais tarde, queria ter aquele link à mão.

Começou a percorrer as páginas no site da Franck Muller na expectativa de que o relógio do sonho não existisse. Bastaram uns momentos de pesquisa. O relógio existia, e tal e qual o vira. Azul, com a bracelete igualmente azul, em crocodilo. O Long Island. Achou-o lindo, e imaginou-o no seu pulso. Chamou a calculadora do computador e fez mais contas. Abriu a pasta das passwords e consultou a conta bancária. Recomeçou a fazer cálculos e mais cálculos. Por fim, desligou o computador para tentar segurar o devaneio. Foi à cozinha preparar um gin-tónico. Não era um apreciador de álcool, mas, de vez em quando gostava de deixar-se levar pelos vapores. Deixou-se cair devagar sobre o sofá de couro claro, já muito coçado que lhe tinha sido emprestado por Mariana quando se veio embora e acabou por ficar para ele. Nem ela, muito provavelmente, se lembraria que aquilo ali estava. Mariana nunca entrara na sua casa nova depois de Ricardo se mudar de Lisboa.

Leu as folhas que imprimira com o texto do gajo da Net. Aquilo parecia bem estruturado, mas tinha falhas, imprecisões. O velho conseguia transmitir uma linha de pensamento, mas revelava um desconhecimento substancial sobre determinadas matérias que abordava. Olhou para o relógio que a BBC mostrava

no ecrã da televisão: 18:32. Levantou-se e foi tomar um duche. Depois sairia para jantar e dar uma vista de olhos nesse tal relógio, numa relojoaria que ele conhecia num centro comercial, e que era a única que poderia tê-lo. “Oxalá não tenham”, pensou. Estava decidido a colocar esse problema nas mãos do destino, mas o Não-Destino já começara a prender-lhe o relógio ao pulso.

Estava a tentar adiar o confronto com a beleza da jóia, e por isso foi jantar primeiro. Escolheu um restaurante chinês como se já estivesse a economizar. Comeu rapidamente e foi ver montras que não tivessem nada a ver com relógios — mas, sem saber muito bem como, ali estava a loja, mesmo à sua frente. Não viu nenhum relógio azul nos expositores e ficou quase tranquilo. Entrou timidamente, como que implorando que não tivessem o raio da peça. Uma rapariga muito jovem, talvez da idade da Sofia, veio ter com ele com o sorriso característico das funcionárias finas de espaços comerciais de luxo.

Boa tarde, posso ser-lhe útil? A funcionária era uma rapariga loura, vestida com um tailleur azul-escuro. Ricardo respondeu-lhe em pensamento, Pode. Diga-me que não tem o relógio Long Island. Boa tarde. Na verdade gostaria de ver um relógio Franck Muller, mas já dei uma espreitadela nas montras e não vi o modelo em que estou interessado. E qual é? Sabe o nome do modelo ou o número? Mas sente-se, se faz favor, que eu vou buscar o catálogo. A funcionária afastou-se toda prestável, com passos ligeiros de gazela.

Ricardo sentia-se nervoso. Enquanto a rapariga não voltou, a sua cabeça continuava a fazer contas e a pensar na viagem de um mês e meio que começaria no sul da Argentina e terminaria no Panamá, cortando toda a América do Sul. Pensou em abandonar a loja antes do regresso da funcionária, mas não teve coragem. A gazela voltou trazendo um catálogo e três caixas, todas com o símbolo FM. Não preciso ver o catálogo, obrigado. Disse o modelo do relógio que procurava, provocando na sua interlocutora um sorriso feliz e um brilho excepcional no olhar. Agarrou numa das caixas, e pô-la à frente de Ricardo. Aqui está. Esteve reservado até há dez dias atrás. O interessado desistiu da compra e perdeu um sinal de mil euros. Se o adquirir, beneficiará de cinquenta por cento do montante sinalizado, apenas válido por quinze dias. Ricardo sentiu uma taquicardia ligeira.

Quando a jovem retirou o relógio da caixa, Ricardo teve a certeza de que já era seu. Perguntou o preço. Era o que ele calculava. Várias...várias dezenas de milhares de euros.

Podemos fazer-lhe, ainda mais cinco por cento de desconto se pagar com cartão de crédito ou de débito e dez por cento se pagar com cheque mas nesse caso só o poderá levantar depois de boa cobrança. Pago com cartão de débito, Disse ele. Sorriu, e colocou o relógio no pulso. Sentiu que tinha sido feito para ele. Tão caro como um carro topo de gama, ainda pensou o homem que já não ia para a Patagónia.

Fica-lhe muito bem, Era o que a rapariga podia, e devia, dizer. Ricardo tratou do pagamento, e do preenchimento do certificado, e de outras pequenas formalidades. Saiu da loja feliz. Na caixa dentro do saco trazia o seu velho Rolex Submariner. Não se cansava de consultar as horas. Sentia-se como um garoto com um brinquedo novo. Esqueceu totalmente a viagem que tomara por tanto tempo como certa. Que se lixe a merda da Patagónia e mais a porra do Panamá! bradou interiormente, num pensamento prazenteiro.

Grande filho da puta!

Alexandra berrava em completo desespero, atirando CD's, livros, o que estivesse à mão, à cabeça de Carlos.

Tu não me disseste que essa cabra ia contigo a Nova Iorque!

No seu descontrolo, tinha perdido completamente a dignidade. Gritava com um ar esgazeado de raiva, quase alucinada.

Eu não te disse muita coisa, minha vaca do caralho! E pára com essa merda imediatamente ou ainda te parto um braço!

Carlos gritou-lhe ainda mais alto, tentando impor alguma autoridade.

O telemóvel dele tocou, e Alex conteve-se ligeiramente. A secretária nunca lhe ligava depois do expediente, a menos que qualquer coisa mesmo muito grave tivesse acontecido. Ficou quase tranquila quando ouviu Carlos dizer,

Ricardo? O que se passa? É quase meia-noite. OK. Vou ter a tua casa. Estou aí dentro de meia hora.

Desligou, pegou no casaco e nas chaves do carro, e saiu sem dizer nem mais uma palavra. Alex ainda resmungou, baixinho, Cabrão!, atirando para o chão o livro que lhe tinha apontado à cabeça momentos antes.

Carlos Oliveira, director do Tribuna, tinha nessa altura quase cinquenta anos e três casamentos falhados no currículo, mas filhos nem um. Como jornalista, era senhor de uma carreira brilhante. Mas, enquanto pessoa, era de trato difícil; e amigos verdadeiros tinha poucos, talvez dois ou três. Um deles era Ricardo. As mulheres para ele eram apenas objectos de prazer, e não conseguia lembrar-se de uma única como autêntica amiga. Todas as mulheres que se cruzaram com Carlos o odiavam. Poucos eram os que conseguiam lidar pacificamente com este homem corpulento, autoritário, que falava quase sempre a gritar, gesticulando e usando um léxico que em nada tinha a ver com o que escrevia. Até os seus adversários reconheciam as qualidades jornalísticas deste brutamontes, como quase todos lhe chamavam. Na brincadeira, costumavam dizer que ele não conseguia dizer uma frase de duas palavras sem que uma fosse uma ordinarice. Já quando se referiam ao que escrevia diziam exactamente o contrário. Que era um génio do jornalismo, e que escrevia como se estivesse a tocar piano no teclado do computador.

Conduzia um Mercedes CLK conversível metalizado, e adorava ver o ponteiro do conta-quilómetros estremecer nos 260. Desde os vinte e oito anos já tinha averbado seis acidentes graves e um sem fim de outros menores. Vinte minutos depois de ter batido com a porta da casa de Alex, já estava a tocar à de Ricardo. Três toques rápidos e nervosos na campainha, como era seu costume. Mal o amigo abriu a porta entrou de rompante sem cumprimentos, vociferando,

Que merda de tempo. Detesto chuva!

Ricardo sorriu-lhe.

Abril águas mil, meu caro.

Ainda que o que tenhas para me dizer não seja nada de importante, para mim foi um alívio deixar a casa daquela puta de merda. Já não aguentava aquela gaja que nem para foder serve.

Atirou-se para cima do sofá, disparando,

E a merda do fedorento do teu cão? Deste-o? Mal tinha acabado de fazer a pergunta já estava o Tycao a passar-lhe a cabeça nas pernas. Carlos começou a fazer-lhe festas na cabeça como se estivesse a coçá-lo.

Não se bebe nada na porra desta casa? A sua pergunta era uma exigência. Fazia tudo parte do seu número Carlos Oliveira.

Ricardo já estava e preparar-lhe um copo largo de uísque como ele gostava, à cowboy, puro.

Os ingleses estragam a melhor coisa que têm, o uísque, misturando-lhe água e gelo. Uns idiotas, bárbaros acabados, esses cabrões dos ingleses, começando pelo maricas do Príncipe Carlos, que só deve beber chá.

Acalma-te, vá, e o uísque é dos escoceses, não é dos ingleses. Estás muito nervoso e eu quero discutir contigo uma coisa séria. Uma história do caraças que vi há um bocado na Internet quando andava à procura deste querido.

Estendeu o braço para que Carlos visse o relógio.

Um FM? Meu grande sacana! E tu que andas sempre a queixares-te de dinheiro. Quanto deste por ele? É lindo, esse cabrão!

Uiiiiiiii... Vários milhares... Muitos. Demasiados milhares.

Foda-se! Com essa massa comprava eu uma parte da fábrica da Swatch! E, já agora, que horas são no teu belíssimo FM?

Uma e vinte. És o primeiro gajo a quem digo as horas por ele. Devias pagar-me bem caro por isso. Vá, chega. Agora a parte séria, Carlos. É a história de um velho suicida que criou um blogue para dissertar sobre a vida e, sobretudo, a sobe a sua morte, ou melhor, sobre a sua imortalidade.

Ricardo estendeu a Carlos algumas folhas, que ele ia lendo em bocados soltos, nos intervalos das críticas mordazes que continuava a dirigir a Alexandra. Ricardo ficou com a sensação de que ele não tinha lido nada quando o viu atirar, com algum desprezo, as folhas para cima da mesa, junto ao sofá.

E...?

Perguntou-lhe Ricardo, mandado um olhar às folhas.

E o quê?

Respondeu Carlos, como se não fosse nada com ele.

O que é que achaste do que leste?

Um marmelo que vai dar um tiro nos cornos? Por mim que dê à vontade, desde que não seja ao pé de mim. Não gostava nada de ficar com a camisa toda suja de sangue.

Nessa altura, Carlos ainda não podia imaginar quão suja de sangue iria ficar a sua camisa. Era impossível. Riu, numa gargalhada quase alarve, e bebeu o resto do seu uísque, servindo-se logo de mais. Encheu quase o copo, o que não espantou nada Ricardo. Carlos bebia uísque como um adolescente bebe Coca-Cola.

Olha Ricardo, é um bocado tarde. Se não te importas, durmo cá. Não quero ver mais aquela brochista à minha frente. Amanhã mesmo mando buscar as minhas coisas e vou viver com a minha mãe até arranjar um apartamento simpático. Pode ser?

Carlos fazia sempre os pedidos como se desse ordens.

Pode pois. Mas olha que aqui não há gajas.

Carlos começou a rir.

Não faz mal! Por via das dúvidas, ando sempre com uma boneca insuflável na mala do carro. Há quem ande sempre com a escova de dentes atrás, eu ando com uma boneca.

Estão cobertores naquele armário, almofadas também... e camisas. Mas vê lá... Olha que a que levares é emprestada, e quando ma devolveres manda-a primeiro à lavandaria. A última que levaste vinha amarrotada e com marcas de batom.

Ócapa!

Carlos sorriu, enquanto acendia um terceiro cigarro desde que chegara.

Ficas cá para o almoço? Podemos ir ao Boca do Inferno. Mamamos um peixinho fresco e tu não pensas mais nos problemas com a Alexandra. Depois voltamos a discutir o assunto desse tal Dono da Lua.

Não é nada má ideia. Há meses que não como peixe, e peixe melhor do que o daqui não há. Alinho nessa.

Carlos parecia ter gostado da ideia, mas não resistiu a voltar ao nome da namorada logo a seguir.

Sabes uma coisa? Eu vivo em casa da Alex há quase um ano, mas tu sabes que eu não consigo ligar-me a gaja nenhuma. O Homem não é monógamo, ao contrário do que a porra da sociedade tenta impingir-nos todos os dias. Não acredito nessa merda da fidelidade. É uma hipocrisia grotesca. Tu eras fiel à Mariana?

Ricardo não estava preparado para responder. Fez um ar pensativo com o dedo indicador a acariciar o queixo.

Acho que não

Respondeu finalmente.

Carlos sentiu-se acompanhado e bradou, com os olhos a brilhar,

Estás a ver? Não há um cabrão de um gajo fiel. E as gajas são todas umas putas. Só estão bem com ele entalado.

Bom, meu velho. São quase duas da manhã e eu vou introspectar, olhar para dentro. Amanhã é feriado, eu sei, mas estou estafado. Passei o fim-de-semana a comprimidos. Se a Sofia vier, almoçamos os três. A cama dela é um bocado curta para ti mas isso tu já sabes. Não é a primeira vez que dormes aí no sofá.

Era bom que viesse. Não vejo essa fedelha há séculos. Como está ela?

Acho que está bem. Também não a vejo, faz tempo. Falamos por telefone e por e-mail, e outras vezes por Messenger, mas não estamos juntos há mais de um mês.

A resposta de Ricardo revelava uma tristeza indisfarçável.

Ela já se formou? Gostava que fosse estagiar para o Tribuna.

Só daqui a dois anos, mas olha que ela só seguiu Comunicação Social porque eu insisti. Tenho a certeza de que nunca será jornalista.

E faz ela muito bem. A merda dos jornais é pior que uma doença. Fica-se com esta porra metida no sangue.

Antes de Ricardo apagar a luz para dormir, ainda ouviu as palavras de Carlos a ecoarem na sua cabeça: “Um marmelo que vai dar um tiro nos cornos.” Possivelmente o amigo tinha razão em não dar importância ao assunto. Olhou para o relógio na mesa-de-cabeceira que marcava 2:32.

Quando acordou, com o bater da porta, Ricardo olhou para o relógio que marcava nove horas e dez minutos e levantou-se curioso, num salto. Ficou parado na entrada da sala impecavelmente arrumada, e viu, sobre o sofá, as folhas impressas que tinha mostrado ao amigo na noite anterior. Colado nelas, estava, um pequeno post-it amarelo com um rabisco de Carlos: “Almoçamos outro dia. Ainda vou passar pelo Tribuna”.

Releu os printes.

*...passei praticamente toda a minha vida a tentar compreender a Existência. Durante muito tempo não percebi pataovina. Agarrei-me a Deus na expectativa de encontrar uma resposta. Soltei-me de Deus e procurei o Diabo, que também nada me soube dizer sobre o facto de nascermos, termos que sofrer e finalmente morrer. E, ainda por cima, morrer de uma forma humilhante para o nosso corpo. Velhos, feios, mirrados, sem dentes. Se é que de facto se morre.*

*Apesar de ter tido saúde, dinheiro e praticamente tudo o que pode fazer alguém feliz, não fui feliz. Não fui feliz porque tive que conviver com a infelicidade daqueles que não são filhos de Deus mas apenas seus enteados. Um dia cansei-me dessa infelicidade e desafiei Deus e o Diabo. Virei-lhes as costas e procurei a minha própria verdade. E encontrei-a. Pelo menos, acho que a encontrei.*

*Qual o Deus que deixa que os seus filhos sofram de forma tão sórdida? É para os pôr à prova? De quê? Para quê? O que têm que provar as crianças famintas que arrastam os seus esqueletos pelos campos desérticos de África até terem a felicidade de morrer? Se estes seres tivessem sido criados à Sua imagem e semelhança então Deus era a maior das merdas que alguma vez podia ter sido imaginada.*

*No dia em que eu completar setenta anos, em 17 de Janeiro do próximo ano, vou provar que Deus não existe e que não pode decidir quando eu devo ou não morrer. Nessa data eu próprio tratarei de acabar com a minha existência, pois não aceito mais a vida. Não a*

*aceito porque não acredito nela, assim como não acredito na morte. A mente é a vida; e a morte, tudo o resto, é conversa fiada.*

*Ninguém me perguntou se queria nascer nem em que condições. Assim sendo, por que razão é que permitirei que decidam por mim também a minha morte? Não, isso não vou consentir, nem a Deus nem ao Diabo. Eu decidi morrer porque a energia que anima o meu corpo é a única coisa que existe na realidade, e tenho a mais absoluta das certezas que ela não acaba pelo facto de o meu coração deixar de bater. Portanto, tenho o pleno direito de investigar para onde vai depois essa energia, que me anima.*

*O que aqui escrevo, nesta maravilha, criada pela imaginação poderosa do Homem, que é a Internet, pode não interessar a ninguém mas será o meu diário decrescente. Aqui exprimirei as minhas ideias, descarregarei as minhas angústias, dissertarei sobre a vida e a morte, enfim, desabafarei. Esta será a minha casa. O meu lar. Aqui me encontrará quem me procurar. Aqui me atacará quem o quiser fazer. Não tenciono impor as minhas teorias a ninguém. Quero apenas mostrá-las a quem as quiser ver.*

*Tenho vindo a preparar-me para o que tenciono fazer e o mais difícil é saber que deixarei, noutra universos, muitos que amo e que não poderão ir comigo. Os sentimentos e as sensações irão porque são realmente as únicas coisas que existem na vida, dado que nascem no cérebro. O amor é cerebral e não tem origem num músculo chamado coração. A vida são memórias sensoriais, sonhos. Os sonhos são a realidade e a realidade pode ser um sonho, ou mesmo vários. Nunca ninguém poderá provar o contrário. A não ser que decida, como eu, passar a fronteira entre uma coisa e outra.*

*Gostaria de ter uma morte violenta. Seria coerente com a minha forma de estar, com a minha maneira de ser. Poderei despenhar o meu carro de uma falésia, poderei atirar-me para debaixo de um comboio, a forma como o farei não tem a menor importância, agora. O meio de transporte para a morte é uma questão secundária.*

*Serão provavelmente poucos os que terão paciência para dialogar comigo durante estes dez meses mas os resistentes poderiam chegar comigo ao fim e dizer: "o tipo matou-se mesmo. O gajo fintou a vida, desobedecendo a Deus e ao Diabo". Mas a verdade é que não haverá sobreviventes, porque este sonho chegará ao fim e como em todos os sonhos, os protagonistas morrem, desaparecem, com o fim de cada sonho.*

*Até há umas décadas atrás, a definição de átomo era a mais pequena porção de matéria, no entanto os microscópios nucleares vieram dizer que afinal o átomo é constituído por várias outras partículas, tão pequenas como ele o era antes em relação a nós. Acredito piamente nisso ao ponto de teorizar que o planeta Terra pode ter a dimensão de um átomo e fazer parte de um sistema universal que mais não é do que o organismo de um ser vivo que, por sua vez, integra um outro ser vivo, num processo infinito. Para além da nossa galáxia existem outras e outras. O Homem não é princípio de coisa nenhuma*

*nem o fim de nada. Tudo o que existe não passa de energia organizada em circuitos de memória intermináveis, pois só a energia é suficientemente moldável para ter valores idênticos em graus de grandeza diferentes. O Homem pode esfarrapar-se todo, que não será por isso que irá encontrar nada para além de si. A menos que consiga ultrapassar a barreira que o impede de estar em vários níveis ao mesmo tempo.*

*Seu,*

*Dono da Lua*

A pequena mensagem amarela de Carlos e, logo a seguir, a leitura deste texto, fizeram com que Ricardo sentisse como que uma necessidade compulsiva de ir também ao Tribuna. Meteu-se no carro. Mal chegou ao jornal, dirigiu-se para o seu gabinete. Atirou o mesmo casaco de sempre, o de pele de porco, para cima de uma cadeira. Ligou o computador. Pediu pelo intercomunicador um café grande. Puxou o e-mail para aceder ao endereço que tinha enviado para si próprio. Foi ao blogue do Dono da Lua. Ficou estarecido. Em menos de 24 horas já havia diversas reacções aos textos. Desfilavam às dezenas diante dos seus olhos, uns assinados e outros anónimos, a insultá-lo pela maneira ofensiva e vil como se referia ao Criador, e pela forma como menosprezava a vida. Havia insultos de todo o género, incluindo acusações de incitação ao suicídio. Havia também algumas manifestações de interesse, expectante, pela sua coragem. Havia, também, uma curta mensagem que o deixou quase sem fôlego.

“Caro Dono da Lua, o senhor provocou em mim o desejo de acompanhar de perto o que se propõe a fazer. Sou jornalista e gostaria muito que me contactasse. O meu nome é Carlos Oliveira e deixo-lhe o meu telefone directo para o caso de...”

Ricardo deu um pulo na cadeira e correu disparado na direcção do gabinete de Carlos. Abriu a porta sem bater e, quando entrou, fechou-a com ruído.

Meu grande filho da mãe! “Não me interessa a história de um marmelo que diz que dá um tiro na tola daqui a dez meses” e depois escreves-lhe a dizer que estás interessado em acompanhar o caso de perto?

Ricardo gesticulava num paroxismo de irritação, enquanto Carlos, apanhado de surpresa e ligeiramente assustado, entornava o café sobre a camisa que tinha trazido emprestada da casa do amigo.

Acalma-te, porra. Já me sujaste a camisa.

Ricardo vociferava, irritadíssimo.

## A MINHA CAMISA, CARLOS!

OK, a tua camisa, se preferes. Mas escuta, Ricardo. Ontem à noite, depois de teres ido dormir, peguei nas folhas com o texto do velho e comecei a ler aquilo. Preciso de ler sempre qualquer coisa antes de adormecer. Reflecti sobre o assunto e pensei que poderá dar-nos uma história para alimentar o jornal durante alguns meses, se agirmos com inteligência e perspicácia. Talvez até consigamos que o tipo nos fale pessoalmente e em exclusivo. Basta que o convençamos de que partilhamos do seu ponto de vista. Entendes?

O que eu entendo, Carlos, é que tu és um gajo com um grande par de colhões a servir-te de cérebro. Só tens ideias que fodem tudo. De uma forma ou de outra, acabas sempre por foder tudo.

Como remate, Ricardo desferiu um soco na mesa de Carlos, fazendo voar alguns papéis. Depois saiu, batendo de novo com a porta.

O pouco pessoal de serviço na redacção ficou calado a olhar. Ricardo voltou ao seu computador e colocou, também ele, uma mensagem no blogue.

“Caro Dono da Lua, por ter que ausentar-me inesperadamente do jornal, agradeço que, no caso de decidir contactar-me, fale com o meu adjunto Ricardo Nunes, pelo telefone ...número tal... ou por este mesmo endereço de e-mail. Cumprimentos.”

Ricardo assinou com “Carlos Oliveira” e voltou para casa francamente irritado. “Putá que pariu a merda desse cabrão de Dono da Lua!”, pensou, como se tivesse resolvido abandonar o caso. Já se sentia quase arrependido de ter deixado a mensagem no blogue. Nessa altura olhou para o relógio e experimentou uma estranha sensação de grande calma. Alto! O relógio e o gajo da Net tinham uma ligação qualquer.

A rotina do jornal foi fluindo normalmente. Felizmente para Ricardo, a viagem de Carlos a Nova Iorque teve lugar naquela altura. Durante o tempo que decorreu, apenas trocaram meia dúzia de e-mails sobre questões de fundo, e era para Ricardo que Carlos enviava todas as suas notas de reportagem. Foram dez dias de ausência extremamente benéficos, que resolveram sem problemas a discussão entre os dois por causa do Dono da Lua. Nesse período até teve tempo para almoçar com Sofia no restaurante onde costumava ir, perto do jornal.

A filha estava seriamente preocupada com a mãe; e, sendo isso uma preocupação de Sofia, era, igualmente, uma preocupação de Ricardo. Para além

do álcool, Mariana tinha-se agora entregue a uma espécie de promiscuidade virtual compulsiva, marcando encontro atrás de encontro com potenciais namorados que não conhecia de lado nenhum. Esturrava horas e horas em sites de chats duvidosos; e depois deitava-se, por sistema, a altas horas da madrugada, quase sempre embriagada por uísque cada vez mais barato.

Ricardo observava a figura da filha e pensava, “como o tempo passou”. Estava perante uma mulher adulta, apesar de continuar a vê-la como uma menina, a sua menina. Era incrível como Sofia crescera tão depressa. Não conseguia compenetrar-se de que tinham passado dez anos desde o dia em que saíra de casa. Não teria havido mesmo outra forma de resolver as coisas? Mas, agora, como poderia saber? Não havia opção de escolha, pelo facto de não se conhecer outro desfecho. Imaginou como seria hoje a sua vida se tivesse continuado com a ex-mulher. Seriam felizes? Ele teria visto Sofia crescer perto de si, poderiam ter feito viagens que nunca fizeram, poderiam ter estado muito mais próximos. Lembrou-se também das discussões horríveis com Mariana, dos gritos e da agressividade entre ambos que violentavam Sofia. Viu os olhos de terror da filha, com apenas dez anos, a chorar como se um deles fosse morrer numa daquelas altercações furiosas. Lembrou-se de um estalo, particularmente violento, que dera uma noite a Mariana, deixando-a inconsciente no chão da cozinha. Ele não reparara, mas Sofia tinha presenciado tudo; e, quando Ricardo tentou abraçá-la, para lhe garantir que aquilo nunca se repetiria, ela chamou-lhe “diabo”, chorando pelo que tinha feito à mãe e recusando qualquer afecto do pai. Lembrou-se de uma frase que Sofia lhe dissera quando estavam a comemorar, num almoço, o seu décimo quinto aniversário: “Viste, pai? Foi muito melhor assim. Para todos!”. Estava a referir-se ao divórcio.

Ricardo tentou especular como seria a vida no futuro, para desistir logo a seguir da ideia enquanto impossibilidade evidente. Como ele gostaria que fosse a vida de Sofia, sobre isso, poderia divagar — mas a sem certeza de nada. A filha tinha toda uma vida pela frente; e ele, com apenas quarenta e cinco anos, já sentia a sua em queda livre. Tudo começara a desmoronar-se depois de sair de casa. Até a vida de Mariana entrara em colapso. Uma depressão antes e o álcool depois, agora a dependência das conversas on-line. Era triste pensar que a ruptura correria mal ao ponto de as vidas de ambos se transformarem num caos. Ricardo acabara até por descurar a relação com a sua própria mãe. Mariana fora sempre o ponto de união de toda a família. Manel, o seu irmão, tinha desistido da vida. Era quase dez anos mais velho do que Ricardo, e, até aos cinquenta, fora um empresário de sucesso. Hoje, não passava de uma sombra mortiça do passado. Não falava sequer com ele há mais de dois meses. Era a isto que estava a resumir-se a sua existência, pensou Ricardo, que contemplava Sofia como se depositasse nela toda a sua esperança de renovação. Olhou para o pulso e

passou-lhe pela cabeça que a vida dele estava agarrada a bens como relógios tão caros como carros topo de gama. Ficou triste. Mas a verdade é que o facto de ter olhado para o relógio lhe deu uma força especial para continuar a enfrentar os seus problemas. Pensou que seria capaz de matar por aquele relógio. Seria por ter sonhado com ele?

Sofia sentiu nitidamente que o pai estava ausente.

Que olhar triste é esse, lindão?

Nada, nada. Estava a pensar em coisas da vida. Nada de especial.

Nada. Como se fosse possível pensar em nada. Como se fosse possível acreditar que a vida poderia reservar-lhe ainda alegrias, continuou o pensamento de Ricardo, enquanto bebia, sem apreciar, o vinho que pedira para acompanhar o bife do lombo. Estava alheado de tudo, absolutamente de tudo, menos de Sofia e do relógio. Sentiu um nó na garganta como se fosse chorar. Chorar para quê? Porquê? Um lamento? Ou aquela emoção que por vezes o visitava e que ele conhecia tão bem? Um desejo incontornável, vivido na mais completa impotência, de querer mudar o mundo. Porque perderemos nós a convicção de poder mudar o mundo depois da força que temos aos vinte anos? O que é que nos acontece a seguir? Sabia perfeitamente que esta pergunta universal não tem resposta. Se existisse resposta para esta, existiria para todas.

Um “Olá!” feminino trouxe-o de regresso à mesa do restaurante. Ergueu a cabeça e fez um sorriso tímido, levantando-se. Era a viúva de um grande amigo que perdera.

Olá Dulce! Como estás?

Ricardo cumprimentou a mulher de quase cinquenta anos que lhe atirara o “Olá!”, e que parecia irradiar alegria pelo facto de viver. Dir-se-ia que era feliz. O jornalista apresentou-lhe a filha. Por educação, apenas por educação, convidou-a a sentar-se.

Obrigada, Ricardo, mas vou ter ali com uma amiga. Almoço de mulheres, coisas de mulheres.

Dulce indicou uma mesa no fundo do restaurante, onde já estava uma senhora mais velha. Despediram-se cordialmente.

Sofia pousou o talher, dando por terminado o prato.

Estás a ver, lindão? Era uma cota assim que podias arranjar. Bonitona e toda enxuta. Nunca mais te vejo com uma namorada.

Sofia, minha querida e tu? Nunca te conheci um namorado.

Ricardo pensou que tocara finalmente de forma directa num assunto em que nunca conseguia falar.

Eu? Eu estou muito bem assim como estou.

A resposta de Sofia não dava abertura para mais desenvolvimentos.

Ambos pediram fruta como sobremesa. Laranja para Ricardo, e melão para Sofia. Dois cafés colocaram ponto final no almoço, que terminou tarde. Eram quase três horas. Sofia aceitou o convite do pai para ir ao Tribuna.

Sentada numa cadeira em frente à secretária de Ricardo, a filha disse,

Não percebo porque é que fui na tua conversa de matricular-me em Comunicação Social.

Hmmm? Porque dizes isso?

Acho que não tenho nada a ver com isto.

Movimentou a cabeça quase numa volta inteira, referindo-se à redacção do jornal.

Então gostavas de ter seguido o quê?

Ela respondeu-lhe sem grande convicção.

Artes, acho eu. Arte cénica. Não sei.

Não sabes? Eu com a tua idade tinha tantas certezas do que queria fazer da minha vida!

Ricardo estava a tentar puxar pela conversa. Mas a filha parecia alheada. Com um certo fastio, mesmo. Limitou-se a encolher os ombros.

Não sei, logo se vê.

Custa-me ver-te assim, querida, tão desinteressada do teu futuro.

Depois trato dele, agora não estou para aí virada. Acho que gostava mesmo era de viver em Paris. Isso acho que sim.

Achas! Vês? Nem disso tens a certeza.

Bom, meu lindão fofo. Gosto muito de estar contigo, mas agora vou bazar. Vou a casa da Madalena, e se calhar janto lá. Vou falar com a mãe, e se ela estiver de acordo logo decido.

De um beijo sonoro na face de Ricardo. Depois saiu aos pulinhos, toda descontraída.

“Outra vez a Madalena. Será que a Sofia não tem outros amigos para além desta Madalena?”

Já não era a primeira vez que o pai fazia esta pergunta a si próprio. Olhou pela porta que Sofia deixara aberta, e ainda viu a imagem da filha entrar para o elevador, onde se perdeu logo depois.

“É nestes momentos que eu acredito na falta que uma mulher me faz. Acho que devia ter voltado a casar.”

Ricardo estava com os olhos distraídos a vaguear pelas páginas de um jornal, de forma ausente, sem reparar, sequer, de que dia era. Isso, para o caso, não tinha qualquer importância. Ele não estava a ler coisa nenhuma, apenas a passear os olhos de maneira a libertar a mente. Não era propriamente um estado depressivo, mas admitia que estava triste. Talvez até carente. Na grande televisão desfilavam imagens da BBC-World, em silêncio. O telefone tocou e Ricardo olhou para os números verdes do relógio digital da aparelhagem de som sobre o aparador.

“Quem estará a ligar à uma da manhã?”

Não lhe apetecia atender, mas sabia que não conseguiria suportar o som do telefone por muito tempo. Levantou-se do sofá, devagar, quase desejando que desligassem, mas não desligaram.

“Alô?”

Utilizava sempre esta expressão quando atendia o telefone, apesar de a considerar um bocado estúpida.

Ricardo? É o Carlos. Acordei-te?

Não, não acordaste. Conta.

Olha, estou a escrever uma coisa sobre o genoma humano e, de repente, sabes do que me lembrei? Daquele marado da Internet, o velho que dizia que dava um tiro na cabeça. Estive aqui a ver o blogue e... nada. O tipo não escreveu nem mais uma linha sobre o assunto de há três semanas para cá. Desde que eu fui para Nova Iorque, praticamente. Soubeste mais alguma coisa do gajo?

Ricardo tinha esquecido completamente o assunto.

Não, nunca mais soube nada. Nem tampouco visitei mais o blogue. Deve ter desistido. Não deve ser fácil rebentar com a tola com data marcada.

Vais ver que já foi internado num hospício.

Carlos rematou a sentença com um riso baixo e fungado.

Acredito, aquilo é uma conversa meio marada.

E gajas? Não há gajas aí em Cascais, ou andas a comê-las às escondidas dos amigos?

Ricardo sorriu.

Naaaaa. No pasa nada.

Ah, e por falar em gajas. Sabes quem eu comi esta tarde? Txiiii, minha mãe, a tipa é boa demais! A Dulce, a mulher... a viúva do Paulo Teixeira, aquele gajo que foi Chefe de Redacção da revista Agora! Lembras-te dele? O marmelo morreu num desastre de carro ou uma cena assim, sabes?

Carlos disparava as suas perguntas insistentemente, sem deixar sequer Ricardo responder.

A Dulce. “A cota enxuta” que Sofia lhe recomendara para namorada, estava ele a pensar, ainda com o mesmo sorriso marcado na cara.

Sim, sei quem ela é. Conheço-a bem.

Conheces? Conheces bem como? Já a papaste?

Não. Não papei, mas gostava. Encontrei-a num restaurante quando estavas fora, mas foi uma coisa rápida. Eu estava a almoçar com a Sofia.

Ahhhh! Estava a ver. Mas olha, Ricardo, dei-lhe uma que a pequena vai recomendar às amigas. Vais ver.

Ricardo estava a gostar da conversa. Tinha-o arrancado do estado vagamente depressivo em que andava mergulhado ultimamente. Sentia-se divertido com o amigo.

Bom, ócapa. Desculpa ter-te maçado a esta hora. Até amanhã, Ricardo.

Tchau, até amanhã.

Ricardo estava agora a recordar o Dono da Lua. Ainda ficou algum tempo com o telefone na mão, pensativo, depois de ter ouvido Carlos desligar. O Dono da Lua. O que teria sido feito dele? Teria mesmo desistido da ideia? Que importava isso? Afinal, se procurasse na Net, iria encontrar dezenas de coisas parecidas com aquela. Já a conversa sobre a Dulce o tinha entusiasmado. Talvez ele precisasse de voltar a ter uma vida sexual mais ou menos regular. Quem saberia se aquela sua forma negativa de encarar a vida não resultava, pura e simplesmente, de falta de sexo? Carlos era o exemplo acabado do seu oposto. Vivia quase que apenas para o sexo e levava a vida com uma ligeireza e boa disposição invejáveis. Os problemas de Carlos eram mais ao nível da pélvis. Por outro lado, Carlos sabia comportar-se à altura do seu estatuto profissional, era o que ele considerava um grande jornalista — e, ainda que não o parecesse, conseguia muito bem distinguir e separar trabalho de conhaque. Só não percebia por que é que Carlos não cultivava a amizade. Se calhar até cultivava, os outros é que não.

Quando se dirigia ao quarto para dormir, virou, num repente, à esquerda, e entrou no escritório. Ligou o portátil e, enquanto este arrancava, foi à cozinha e preparou uma grande caneca de café. Acendeu um cigarro. Deu uma grande passa, enchendo o peito tanto quanto pôde, de fumo, para seguidamente o soltar, devagar. “Cá estás tu, meu Grande Filho da Mãe”, pensou quando entrou no blogue. Foi percorrendo os textos, que já conhecia – e, de facto, não havia nada de novo. Carlos tinha razão. O tipo calara-se. Estava prestes a desligar-se da Net quando, subitamente, a sua atenção ficou presa num pormenor. Afinal havia lá mais qualquer coisa, um detalhe mínimo que Carlos não vira! No fim dos vários textos estava um link quase escondido, minúsculo, remetendo para um site: [www.donodalua.com](http://www.donodalua.com). Ricardo sentiu como que um aperto no peito, e o seu estômago contraiu-se. Se clicasse ali, o que iria encontrar? Questionou-se se não queria dar o caso por encerrado e abandonar o assunto de vez. Afinal, o que é que lhe interessava o que um gajo algo doentio andava a escrever na Net, sobre a morte, a vida, e tangas do género? Mas a curiosidade dominou-o. Num ímpeto incontrolável, abriu o site. “Mãe Santíssima! O gajo montou um quartel-general aqui!”, pensou, ao mesmo tempo que dava um golo de café.

E o que para ali ia. O tipo fizera muitas mais considerações sobre a decisão de acabar com a vida e, curiosamente, estava a publicar todo o correio electrónico que ia recebendo. A lista já era extensa. “O que eu tenho perdido neste tempo”, pensou. Agarrou no telefone para ligar para o Carlos, mas parou ao marcar o terceiro dígito. Para já ia deixar o amigo fora do assunto. Na verdade, o interesse de Carlos era diferente do seu. Pousou o telefone, e continuou a exploração das páginas do site, com um entusiasmo crescente.

*...várias pessoas me têm contactado a propósito da decisão que tomei. Com pontos de vista e sob perspectivas diferentes, algumas até distorcidas, como é natural, têm aqui manifestado o que pensam da minha decisão. A maioria acha que sou um louco, um doente com necessidade de tratamento clínico. Eu não o creio e irei tentar mostrar, com o tempo, que é uma decisão muito ponderada, perfeitamente reflectida e que tem associados pensamentos consistentes sobre a existência que fazem sentido, num todo coerente mas ainda pouco definido e que irei aqui revelando aos poucos. Para mim, pelo menos, são ideias coerentes; para vós, não sei, mas acredito que os que possuem um sentido crítico e reflexivo mais apurado poderão alterar a forma como encaram o que me proponho fazer...*

Aquilo prometia. Afinal, o homem não era assim tão louco como lhe parecera nas suas primeiras intervenções. Mostrava-se lúcido, consciente e determinado.

O seu raciocínio tinha princípio, meio e fim, apoiado num discurso com alguma solidez, maturidade e talvez, até, algum conhecimento científico. “Ele só quer avançar, gradualmente, sem pressas, para ser levado a sério”, pensou Ricardo. Depois, umas páginas à frente, encontrou, estupefacto, um textozinho para si próprio. Era a resposta ao e-mail que ele tinha enviado quando discutira com Carlos:

*«Caro senhor,*

*Fique descansado que na altura devida, que eu considerar oportuna, o contactarei. Neste momento, não quero qualquer relação de proximidade com a comunicação social.*

*Cumprimentos.»*

Ricardo tinha lido páginas e páginas de textos escritos ao longo destas três semanas, e estava tão cansado quanto perplexo, e entusiasmado. Levantou o olhar sobre o monitor do portátil em direcção da janela e reparou que havia uma luz azul clara, mesclada de tonalidades lilases que perpassava o cortinado. Era a aurora. Estava a amanhecer.

“Bolas, são seis e meia da manhã e eu aqui agarrado ao computador. Pensava eu que precisava de uma mulher. Não há no mundo mulher nenhuma que queira um gajo como eu. Só preciso mesmo do meu cão. Os cães não nos exigem nada. Não nos criticam nem nos incomodam com tontices, e além disso são-nos sempre fiéis, e estão sempre dispostos a aturar-nos”.

*...Este mundo onde vivo está dentro de mim, é aquilo que eu vejo, aquilo que cheiro e ouço. Se vocês existem é porque eu existo, porque vos aceito e preciso de vós. Quando eu morrer todos morrerão comigo pois vocês estão na minha memória, são o meu universo. Vejo-vos, sinto-vos, apercebo-me da vossa presença a partir do meu interior.*

Ricardo já conhecia outros textos com conteúdo semelhante, mas isso não o impediu de continuar a ler.

*...tudo o que existe pode não existir na realidade. Basta que exista na minha mente. Até o meu corpo pode não ser aquilo que parece ser. Eu vejo parte do meu corpo. Vejo invertida, na horizontal, a minha imagem quando me olho ao espelho. E é no espelho que os meus pensamentos se separam do meu corpo, pois o espelho não reflecte a mente. Quem me dera que, por apenas um momento, pudesse passar a minha consciência,*

*juntamente com o meu corpo para o lado de lá do espelho: poderia ver o mundo como ele pode ser ou poderia ser, se nós conseguíssemos invertê-lo. Não quero morrer apenas para deixar de viver. Quero morrer para compreender a vida, pois só conhecendo o resto, o que está do lado de lá, conseguirei perceber o que está no início, do lado de cá. É uma razão de dialéctica, esta questão da vida e da morte.*

*Todos os dias, quando acordo, penso no inferno que é a vida, o dia-a-dia de milhares e milhares, milhões, de pessoas. Ninguém, nada, tem o direito de fazer sofrer tanta gente ao mesmo tempo, ou, pior ainda, em tantos tempos diferentes. Pergunto-me porque é que eu, aos sessenta e nove anos, ainda não senti o terror da guerra, não senti a fome, nem a dor extrema da tortura? Não conheço o mundo dos cegos, nem sei como são os sons do mundo dos surdos. Não podem ser mundos iguais ao meu. E tenho que aturar as atitudes hipócritas de um punhado de tipos que se fingem preocupados com os que só vivem a vida pela metade. Não pode compreender-se o que é incompreensível. Como eu nunca soube lidar com o que não compreendo, obviamente que nunca poderei lidar tranquilamente com a vida.*

*Parece que estou aqui a fazer figura de ignorante, ou de estulto, a levantar questões que, para uma grande maioria, são coisas simples e inquestionáveis. Nascermos, vivemos e morremos: é esta a fórmula mais simples para traduzir a nossa existência. Seria muito fácil não sair do senso comum e deixar-me levar, aleatoriamente, pela torrente da vida, como quem navega num mar calmo.*

*Para a maioria das pessoas que lida diariamente com um computador, este é apenas uma caixa que funciona muito bem, para desenvolver um trabalho que já ninguém saberia fazer de outra forma; e sei que não é preciso saber como funciona cada elemento que está dentro daquela caixa para que se possa utilizar a máquina de forma eficaz. A vida, a existência, é muito parecida com um computador.*

*Quando deixei a casa dos trinta anos para entrar na dos quarenta, tive a minha primeira crise existencial, talvez a única. Pensei que tinha perdido um sem fim de coisas que não poderia recuperar. Que tinha perdido, sobretudo, tempo. Que as horas e os minutos se tinham esvaído, inevitavelmente, na minha própria existência. E se agora aparecesse alguém, trinta anos depois, a dizer que nada era assim? Que o dia não deveria ter vinte e quatro horas, mas sim quatrocentas ou apenas duas? E se esse alguém dissesse até que estava tudo errado, desde a invenção da roda? Que a vida em sociedade estava toda ao contrário, que os prédios não deveriam ser como são, que os carros não deveriam existir da forma como existem? E se esse alguém conseguisse provar a lógica de tal raciocínio, provar que tinha mesmo razão?*

*... Enquanto estou a escrever este texto, olho para um exemplar da revista Science & Vie que estive a ler há poucas horas. Nesta revista francesa, de divulgação científica, assim como noutras norte-americanas, como a Science ou a Scientific American, colocam-se mais questões do que se encontram respostas – o que, aliás, dizem-nos, é a característica e a beleza da ciência. Albert Einstein escreveu uma pequena fórmula,*

*E=mc<sup>2</sup>, que provocou uma autêntica revolução na comunidade científica universal. A teoria da relatividade de Einstein não é mais do que a resposta para uma questão que muito o atormentou. Contudo, qual será a percentagem de pessoas na Terra que a conhece, que a percebe e a considera importante?*

*Se não compreendermos a vida, de nada nos valerá viver e é por isso que eu decidi morrer. Para me libertar do meu corpo e, pela morte, conseguir ver a vida. Não quero viver encarcerado na minha própria gaiola feita de grades que não quis e por isso, daqui a oito meses, eu estarei morto. Não vou, não quero, nesse espaço de tempo, esforçar-me para perceber porque vivi. Vou, isso sim, tentar saber como se dará a passagem.*

*Seu,*

*Dono da Lua*

Ricardo pousou as folhas sobre a mesa metálica.

Mariana, ainda incrédula, apagou o cigarro e pegou nas folhas que Ricardo pousara na mesa da esplanada, agitando-as com uma irritação evidente.

Ricardo, não acredito que ainda estejas apegado ao paleio deste doido.

Não percebeste nada. O que me fascina no tipo é que está a comprometer-se perante um não sei que número de pessoas. Ou ele está a sério nesta história e vai levar a coisa até ao fim, ou será enxovalhado por amigos, familiares e uma carrada de gente anónima.

Foi tudo o que Ricardo contra-ataque, e mesmo assim com um gesto de impaciência.

Tontices. Não reparaste ainda que ele está protegido por um pseudónimo? Nunca se comprometerá. Não passa de mera especulação. Um nickname. Só.

Ele vai dar a cara. Eu sinto que ele vai dar a cara.

Ricardo estava a contrapor o mínimo possível, para evitar discussões desnecessárias.

Mariana chamou o empregado e pediu mais uma água. Mostrava-se frontalmente indiferente ao interesse do ex-marido num assunto que não lhe tocava em particular a sensibilidade, nem lhe despertava sequer a curiosidade. Disse-lhe, abruptamente, com o seu habitual pragmatismo,

Olha Ricardo, acho que devias preocupar-te mais com aspectos do teu foro pessoal que me parece que andas a descurar. Sabes que a tua mãe me telefonou um bocado angustiada pelo facto de não te ter por perto se ela precisar de ti numa emergência? Depois, a idade dela exige alguma atenção no que diz respeito à sua saúde.

Eu sei disso. Já falei com o meu irmão sobre o assunto.

Ricardo sentiu-se francamente aborrecido com o rumo que a conversa estava a tomar.

Mas, Ricardo, o Manel nunca se preocupou com a tua mãe. Ele sempre foi, apenas, mais uma preocupação para ela. A tua mãe quer-te a ti perto dela, não quer o Manel. Ele está meses sem lhe telefonar.

Que coisa, Mariana. O que é que tu queres que eu faça? Que abdique da minha vida para que a minha mãe não se sinta angustiada? Não pode ser.

Ricardo respondeu com um tom de voz ligeiramente elevado, revelando-se cada vez mais irritado.

O que eu quero é que deixes de ser infantil. Parece que não tens ninguém à tua volta. És um eterno insatisfeito.

Mariana, vamos fazer o seguinte: não te metes na minha vida, eu não me meto na tua, e continuamos a ser amigos. Jantei há quatro dias com a minha mãe, e ela pareceu-me muito bem. Está bem assim?

Não, não está! E sabes porque não está? Porque temos uma filha em comum que já só tem a avó paterna, e elas as duas adoram-se. Portanto, vê se tomas tino nessa cabeça, que tens quarenta e cinco anos e já não és nenhuma criança.

Mariana começava a perder o controlo, e isso sentia-se claramente no seu tom de voz.

Não queiras que eu viva de acordo com a tua vontade. Isso, sim, é uma atitude egoísta. Eu tenho que viver num sítio de que goste e rodeado do que me dá prazer na vida. A minha mãe está com os problemas de saúde normais para a idade dela. Fica calma ou a conversa acaba já aqui, OK?

Ricardo levantou-se e aproximou-se do varandim da esplanada que dava para a praia. Lembrou-se de que tinha sido precisamente naquele local, numa conversa

parecida, sobre a sua mãe e Sofia, há coisa de um ano, que, a falar com Mariana, tinha decidido comprar um cão. Respirou fundo e acendeu um cigarro. Achava que estava um dia agradável demais para se chatear com a ex-mulher. Olhou o horizonte e, por momentos, imaginou-se fazendo parte da tripulação de um cargueiro que passava devagar. Na praia, por baixo do varandim, havia gente que apanhava banhos de sol e não pôde deixar de reparar num rapaz deitado, numa toalha vermelha, com a perna esquerda amputada acima do joelho. Parecia um tipo bem novinho, talvez com menos de vinte anos, em tudo o resto com um corpo perfeito, atlético até. Aquela perna amputada era como uma mancha, um rasgão cruel, numa pintura de grande valor estético. Forçosamente, o Dono da Lua veio-lhe ao pensamento. Pelo menos, o fulano tinha razão em relação às injustiças da vida. Tentou pensar no tormento em que vivia aquele miúdo com a ausência de uma perna, impossibilitado de realizar inúmeras coisas. Não deveria ser fácil suportar uma limitação tão grande. Voltou para a mesa onde Mariana folheava uma revista cor-de-rosa. Nunca percebera como é que mulheres inteligentes conseguiam ler aquelas coisas. Mas, no caso de Mariana, não se surpreendia. Se a visse ler algo de mais elevado e menos fútil é que ficaria admirado. Olhou com mais atenção para a figura da ex-mulher, ainda tão elegante, já a caminho dos quarenta e quatro anos. Não se lembrava, mesmo esforçando-se, das banalidades do tempo de casados. O casamento deles era apenas uma memória vaga. As imagens mais nítidas eram apenas as de agressividade.

Mariana, por que é que não telefonas à Sofia para vir ter connosco e almoçamos aqui os três?

Ela não está em Lisboa. Foi passar o fim-de-semana com uma amiga a Óbidos.

A Sofia vai passar fins-de-semana fora assim... com uma amiga? Essa amiga é a Madalena?

A nossa filha tem vinte e um anos. Tem idade para fazer o que quer. E teve o meu consentimento. Já que eu sou mãe e pai e não vejo onde está o mal. Dei-lhe autorização. Não sei se foi com a Madalena, mas isso não é importante. Essa amiga até pode ser um amigo. Não é grave.

Ricardo e Mariana não conseguiam comunicar. Nunca tinham conseguido. Sempre existira entre eles uma brecha intransponível ao diálogo. “É melhor não alimentar a combustão”, pensou ele.

Acendeu outro cigarro e abriu o Tribuna, um jornal perfeitamente eficaz para evitar discussões, já que, com a sua envergadura de página, tapava

completamente a imagem de Mariana. Voltou-lhe à cabeça o dia em que comprara o cão. O cenário era demasiado parecido com o do dia em que conheceu Raquel Lamour, a criadora de cães. Ele estava ali, assim, a ler o jornal. Veio-lhe à cabeça uma sensação estranha de déjà vu.

Ricardo estava já um pouco atrasado para o encontro com o criador de cães e despediu-se de Mariana, naquela mesma esplanada, com um beijo que nem lhe chegou a tocar a cara. Entrou no carro. Passavam vinte minutos da hora marcada quando, finalmente, encontrou a casa do criador. Pensava ir encontrar uma casa vulgar e deparou-se com um portão imenso que deixava ver, por entre um arvoredado denso, uma cúpula altíssima, insinuando um palacete, ou mesmo um castelo.

Ficou ali alguns segundos sem saber o que fazer, se tocar a buzina, o que lhe parecia inadequado, ou se sair do carro e bater com o punho no portão, o que lhe parecia estúpido. Ninguém iria ouvi-lo, mesmo se batesse com o macaco no ferro maciço. Não era visível nenhuma campainha ou algo do género.

Aproximou o carro mais um pouco e o portão pesado abriu-se sem soltar um gemido, como se tivesse acabado de ser lubrificado. “Devem ter algum mecanismo de infravermelhos que comanda isto automaticamente”, magicou, avançando devagar, e acompanhando com o olhar a enorme alameda de árvores ancestrais. Pareciam-lhe carvalhos. Deviam ser carvalhos.

Quando chegou à porta da casa, que agora se lhe afigurava menor, apesar de ser consideravelmente grande, deu com uma senhora que parecia estar à sua espera. Estava com certeza. Devia tê-lo seguido desde o portão num sistema de vídeo. Saiu do carro e cumprimentou-a com um «boa tarde» atrapalhado, caminhando na sua direcção. Apresentou-se e deu a sua mão para a dela, já estendida.

Como está? Sou Raquel Lamour. O meu marido não pôde esperar, mas disse-me que o senhor viria. Estava à sua espera.

Desculpe o atraso, senhora Lamour. Não é meu hábito atrasar-me, mas tive alguma dificuldade em dar com o endereço.

Não é grave, senhor Nunes.

Ela desculpava-o com um sorriso fresco e bonito, deixando ver uma dentição saudavelmente branca. Toda ela era agradável. Alta e esguia como uma garça. Tinha uns olhos verdes, cavados, e um cabelo loiro, quase sépia, que deveria ser longo, mas que agora estava apanhado.

Vamos ver os pequeninos?

Raquel Lamour fez um gesto com a mão esquerda, como que para ele a seguir.

Vamos.

Ricardo sorriu ligeiramente, atraído pela beleza algo misteriosa daquela mulher.

Quando chegaram ao canil, que ocupava uma extensão razoável, deu para perceber que aquilo era uma verdadeira indústria de cães. Via-se que criavam mais que uma raça e em grandes quantidades. Já dentro do espaço reservado aos Labradores, Ricardo deteve-se. “São mesmo bonitos”, pensou.

É aqui.

A senhora Lamour abriu uma portinhola de rede de arame. Entraram num espaço amplo com uma casinha ao fundo. Ela baixou-se com elegância, e tirou para fora dois cachorrinhos roliços, pretos como carvão.

Este é um ele e este é uma ela. Não são umas fofuras?

Estava com um cachorro em cada braço, junto à cara.

São um espectáculo, mesmo.

Ricardo, encantado, pegou no cachorro.

Como te chamas, menino?

Esperava uma resposta da dona.

Ele é o Tycao, mas trata-se apenas do nome de registo do Pedigree. Se ficar com ele, pode chamar-lhe como quiser

Subiu-lhe um sorriso doce aos olhos amendoados.

Vou ficar com ele e continuar a chamar-lhe Tycao. Gosto do nome.

O cachorro era gente importante. Tinha documentos com o nome dos pais, dos avós, dos bisavós, a raça, a cor, tudo. Nada havia a dizer da sua invejável ascendência nobre. Ricardo sentia-se como se tivesse acabado de adquirir uma peça de arte no momento em que assinava o cheque de mil euros, que entregou a Raquel Lamour na biblioteca da casa, onde lhe tinha sido servido um chá. “Uma transacção muito requintada”, considerou.

Não voltara a ter contacto com Raquel Lamour depois de lhe comprar o cão, apesar de ter ficado com o seu cartão que continuava colado no frigorífico e já tinha passado praticamente um ano. Ao princípio imaginava que um dia destes iria mostrar-lhe o Tycao, e que ela ficaria certamente muito contente. Depois seguiu a ideia, recordando-se que eles eram criadores. Não estabeleciam laços afectivos com os animais.

Mariana continuava escondida pelas páginas do *Tribuna*. Permanecia em silêncio, como se esperasse um sinal de Ricardo para recomeçar a conversa.

Mariana, o que estás a fazer agora? Refiro-me ao teu trabalho.

Ela respondeu-lhe secamente.

Nada de especial.

Nada de especial como? Não trabalhas mais com roupa?

Nem por isso. Este ano ainda não saí de Portugal uma única vez. Não me entusiasmo com nada.

A ex-mulher de Ricardo estava agora quase triste.

Sabes do que me lembrei no outro dia, quando almocei com a Sofia? Que vocês poderiam trabalhar em qualquer coisa juntas. Achei também a Sofia muito desmotivada. Talvez ela gostasse desse mundo dos trapos, não?

Não sei, nem vou insistir com ela. Não quero que mais tarde me acuse de ser responsável por uma escolha errada. Tenho medo disso.

Desculpa, a sério. Importas-te de repetir o que acabaste de dizer? Devagar?

Dizer o quê?

Mariana quebrou a lógica do pedido de Ricardo, que ainda tentou retomar a frase.

“ Não quero que ela me acuse mais tarde por uma escolha errada” ... foi isso?

Sim. Foi.

Mariana, há alguma possibilidade de uma pessoa poder voltar atrás de forma a confirmar se fez uma escolha errada ou certa?

Mariana ficou confusa, fazendo tremer a cabeça e abrindo muito os olhos.

Não sei. Há?

Tu é que o disseste, Mariana. Sabes responder-me?

Disse-o como descargo de consciência. Voltar ao passado é impossível.

Tu não te dás mais com aquele teu grupo de Marias que brincam à astrologia?

Ricardo tinha consciência de que estava a picar Mariana. Mas era isso que ele queria. Espevitá-la.

Olha Ricardo, lá que tu não acredites em nada é um problema teu, mas devias ter mais respeito pelos que acreditam.

Mariana ficara claramente ofendida.

Não é nada disso, Mariana. Eu quero perceber uma coisa sobre a qual estou a escrever. Sabes o que sucederia se fosse possível nós viajarmos a uma velocidade maior do que a da luz?

Mariana limitou-se a abrir de novo os olhos, como se possuída por uma curiosidade totalmente nova.

Se houvesse a possibilidade de viajarmos a uma velocidade superior à da luz, isso significaria, teoricamente, que poderíamos voltar ao passado ou ir ao futuro. Seria possível construir uma máquina do tempo.

Mariana continuava a olhar fixamente para Ricardo, como que à espera de alguma revelação impossível.

A que passado?

Fez a pergunta quase receosamente. Foi a vez de Ricardo ficar confuso.

“Pois, a que passado?”

Deixa. Acho que não consigo transmitir-te a ideia. Mas, mesmo assim, posso fazer-te uma pergunta?

Mariana concordou com um movimento de cabeça.

Mariana. Imagina que te é possível escolher entre dois caminhos no teu percurso de vida. Como poderias saber alguma vez se tinhas escolhido o certo?

Quando se escolhe o errado sabe-se logo.

Por exemplo, o nosso casamento. Foi um desastre? Mas como sabes que não foi a melhor opção? Podia ter sido muito pior com outro homem, ou com outra mulher, ou não?

Mariana fez um movimento negativo, lento, com a cabeça.

Ainda pior, para ambos? Não acho. Pelo menos um de nós poderia ter sido feliz.

Mariana disse aquilo como se tivesse a certeza absoluta do que afirmava. Ricardo sentiu que não estava a conseguir colocar as perguntas de forma adequada.

Deixa lá, é uma tontice, mesmo.

O jornalista acompanhou a frase com um gesto indicativo de que não era para dar grande importância ao assunto.

Pouco passava das sete da manhã, quando Ricardo pegou na bicicleta e tomou a direcção da praia acompanhado de Tycao. Sabia-lhe bem pedalar um bocado

logo de manhãzinha, especialmente aos sábados. A neblina que acompanhava a costa fazia com que toda a paisagem parecesse lindíssima, em tons de cinzento. O Labrador preto, a correr ao lado da bicicleta, era a única imagem de contornos definidos. Tudo o resto se esfumava em esboços vagos. A manhã não estava fria, mas o ar fresco que entrava pelas narinas de Ricardo dava-lhe vigor e boa disposição. Fazia-o ver o mundo de outra forma, com mais interesse pelos pormenores. E a figura do cão a correr a seu lado, como se fosse a sua sombra, dava-lhe uma sensação de força acrescida. O céu e o mar, do seu lado esquerdo, fundiam-se numa mancha cor de chumbo, mas mais claro, e a rebentação das ondas era mais audível que visível. O mar não estava agitado, apenas um pouco inquieto, e libertava um cheiro que, embora suave, provocava nos pulmões um efeito balsâmico. Era a ocasião ideal para utilizar a expressão “respirar saúde”.

Sem praticamente ter dado por isso, Ricardo tinha feito cinco quilómetros a pedalar. Pelo menos, era o que marcava o conta-quilómetros digital instalado na bicicleta. Parou na esplanada habitual e pensava ser, como quase todos os sábados, o primeiro cliente. Mas, desta vez, não era. Já lá estavam dois idosos, de aspecto agradável, que pareciam um casal de namorados. Ambos vestiam de branco, apesar da época do ano. Ricardo sentou-se numa mesa não muito longe. Pousou o telemóvel e o porta-moedas sobre o tampo. Era tudo o que levava quando ia andar de bicicleta. A neblina tinha-se dissipado quase totalmente e começava até a fazer calor. Pediu um café e um pastel de nata. A seguir, pegou no telemóvel.

Estou?

A voz feminina do outro lado, ligeiramente rouca, só podia ser a de Mariana.

Mariana? Bom dia. Sou eu. A Sofia?

Ricardo? És tu o Lindão no telemóvel da Sofia?

Mariana riu baixinho.

Ainda não são nove horas de sábado. A Sofia está a dormir. Eu só lhe atendi o telemóvel porque fiquei curiosa e quis saber quem era o Lindão dela.

Ricardo não imaginava que fosse tão cedo. O Sol já estava quente. Pensava que fossem aí umas onze da manhã, e não sabia que Sofia estava em Lisboa.

Olha, Mariana, diz à Sofia que me ligue quando acordar, está bem? Tinha pensado na possibilidade de ela almoçar comigo na praia, mas talvez dê para jantar. Logo se vê.

Eu digo-lhe para te ligar e vocês combinam isso da melhor forma. Está bem assim, Ricardo?

Perfeito. Tchau, um beijo.

Tu estás bem, Ricardo?

A pergunta de Mariana surpreendeu-o. A ex-mulher nunca se tinha interessado pela forma como ele estava. Mas percebeu o equívoco quando ela acrescentou,

Não me lembro de te despedires de mim ao telefone desde que nos divorciámos, e agora... um beijo?

Mariana riu baixinho, mas deu para Ricardo ouvir, fazendo-o sorrir ligeiramente.

És a mãe da minha única filha, Mariana. Não leves tão a peito tudo o que digo ou faço. Mas sim, confirmo o beijo. Tchau.

Tycao estava deitado preguiçosamente aos pés de Ricardo, que lia agora um jornal acabadinho de chegar à tabacaria que ficava na entrada do café, onde também tinha comprado um maço de Marlboro. Acendeu um cigarro pensando na contradição de fumar e andar de bicicleta, mas depressa se dispersou na leitura rápida das gordas no jornal que não era o seu Tribuna. Fixou, por momentos, o olhar no horizonte, agora perfeitamente definido, e deixou-o ir agarrado a uma gaivota por instantes. Atirou a beata do cigarro para longe, viu no telemóvel as horas – nove e quarenta – e voltou ao jornal.

Uma actividade repentina na mesa onde estava o casal de idosos arrancou-o da leitura. Um empregado abordara o homem velho vestido de branco, que agora estava só. Ele levantou-se repentinamente, e deixou cair das mãos a revista que estava a ler. Acompanhou quase a correr o empregado do café para o interior. Ricardo percebeu que se passava algo de anormal, muito provavelmente com a senhora, e seguiu-os.

No interior do café, já se tinham juntado cinco ou seis pessoas ao pé das portas das casas de banho. Um empregado encostado ao balcão, agarrado ao telefone, tinha a testa toda transpirada. O senhor de idade estava encostado à parede,

com uma mão no peito, outra na cabeça, murmurando “Alice, Alice, não!”. Ricardo aproximou-se um pouco mais, e deu para ver a senhora caída no interior da casa de banho. Pousou a mão de leve no ombro do homem, que estava extremamente pálido e continuava a murmurar o nome da esposa com um fio de lágrimas a correr-lhe dos olhos. Não era preciso ser médico para perceber que a Alice estava morta.

Passaram-se longos minutos angustiantes até se ouvir a sirene de uma ambulância. Uma equipa de paramédicos entrou no café, confirmando a morte da senhora. Foi dada assistência ao marido, que estava em estado de choque. Ricardo tentou confortá-lo e, sem saber porquê, escreveu o seu nome e número de telemóvel num guardanapo e meteu-o no bolso do casaco do senhor Fernando Fonseca. Ficara a saber o nome dele quando um dos paramédicos lho perguntou. Descobrira também que era seu vizinho. Vivia numa rua a dois quarteirões da sua. Talvez por isso lhe tivesse metido aquele papel no bolso do casaco, ao mesmo tempo que se disponibilizava para alguma necessidade futura.

O senhor de idade, que agora sabia chamar-se Fonseca, foi na ambulância juntamente com o corpo da mulher. Com este episódio, totalmente inesperado, a manhã de Ricardo tinha chegado ao fim. Era quase uma hora quando chegou a casa. Achou estranho como, algumas horas depois do incidente no café, a sua visão da vida, do mundo, tinha ficado perturbada. Tinha-lhe custado fazer a viagem de regresso e o mar, desta vez, não conseguira captar de todo a sua atenção. A imagem da senhora caída no chão, do marido a chamar por ela, agarrado ao peito, tudo aquilo associado ao facto de serem seus vizinhos sem que ele o soubesse, emocionou intensamente Ricardo com uma violência que ele não conhecia antes, por muitas coberturas de guerra que já tivesse feito. Preferiu passar a tarde sem almoçar, deitado no sofá da sala, com a televisão ligada mas sem som, como era muito seu hábito.

Tinha acabado de jantar uma piza que pedira por telefone quando o telefone de casa tocou. Ricardo atendeu, convicto de que era Sofia. Afinal não lhe tinha ligado ainda, como ele pedira à mãe. Enganou-se.

Ricardo! *My friend!*

Era o Carlos. Aquele *my friend* era sempre, e só, do Carlos.

Onde estás? O que estás a fazer e com quem?

Carlos falava quase a gritar, como sempre; mas, desta vez, denunciava uma hiper-boa-disposição, uma quase euforia que ia bastante para lá do seu habitual.

Onde estou? Telefonas-me para casa e perguntas-me onde estou? Estás bêbado?

Estou bêbado? Não tens reencaminhamento de chamadas para o telemóvel, como toda a chefia do jornal? Bêbado deves estar tu! E se não estás vais ficar, porque eu estou a jantar aqui no casino com duas gajas super boas, desejosas de me comerem vivo, mas eu conheço os meus limites e preciso de apoio logístico e físico! Vens cá ter?

Carlos fazia perguntas a Ricardo sempre da mesma forma: como quando lhe dava uma ordem a título de seu superior hierárquico dentro do jornal.

Não dá, Carlos. Hoje tive um dia muito complicado. Um dia do caraças, mesmo.

Caramba, dizes isso como se tivesse morrido alguém. Arrebita, homem. Vem cá ter que vais ver como arrebitas. Vais arrebitar tanto, que não vais caber dentro das calças. Vá, daqui a meia hora estás cá. Combinado?

Não dá, mesmo!

Ricardo repetiu-se de tal forma que Carlos percebeu que não havia qualquer hipótese.

OK...OK! Vou ter que mostrar as estas duas boazonas do que sou capaz. Na segunda-feira te contarei como as coisas correram. Um abraço e bom domingo para ti e mais para o merdoso do teu cão.

Ricardo ouviu-o rir-se às gargalhadas e sorriu. Aquele era mesmo o Carlos Oliveira.

Foi para o seu escritório, com a costumeira caneca de café já preparada. Acendeu um cigarro, outro cigarro, ligou o computador e viu o correio electrónico. Havia duas mensagens. A primeira era da filha.

“Olá paizão, desculpa não ter ligado, mas acordei tarde e a mãe não estava de bom humor e pegámo-nos. Daqui a bocado vou para casa da Madalena, em Sintra, e não vou levar telemóvel, não encontro o carregador, se tiveres MESMO necessidade de falar comigo liga para casa dos pais da Madalena».

Seguia-se um número de telefone, e ainda,

«Espero que tenhas um bom FDS na companhia do Tycao. Dá-lhe uma lambedela minha e vai tomar um copo para ver se arranjas uma namorada à maneira. Beijos aos molhos nessa cara lindona. Sofia”.

Ricardo sorriu. De novo a tal Madalena!

A segunda mensagem vinha identificada apenas com as letras “PMG” e dizia,

*Viva, meu caro*

*Espero que esteja tudo bem consigo. Tenho uma agradável notícia para lhe dar. Vou começar hoje uma correspondência exclusiva consigo, enviando-lhe os textos que ponho on-line, com 24 horas de antecedência. O seu jornal será sempre o primeiro a publicar os textos desde que me garanta que os publicará sem cortes ou alterações ou quando algo que eu escrever possa colidir com a linha de conduta do jornal, vocês cortam mas metem um texto de substituição que transmita a ideia.*

*No início, os jornais concorrentes do seu, vão massacrá-lo e acusá-lo...*

Ricardo exclamou num pensamento gritado: “Dono da Lua, Grande Cabrão!” A mensagem prosseguia,

*...de ter inventado esta história para vender papel. Não o vão deixar sossegado. Por isso, e uma vez que não é você quem manda lá no jornal, dou-lhe algum tempo para pensar no assunto. Uma semana. Parece-lhe bem?*

*Quando decidir avançar para a televisão, também será consigo que falarei. Se você fizer um bom trabalho, garanto-lhe que terá uma boa história em exclusivo. Pense muito bem no que acabo de propor-lhe. Responda-me, ponderadamente, daqui a uma semana.*

*Seu,*

*Dono da Lua*

“Sacana! Este gajo quer passar à parte séria da coisa. E não me parece nada maluco. Mas o que ele pede é demais. A Direcção do Tribuna nunca aceitará isto, de certeza absoluta.”

Ricardo ficou a pensar na proposta do Dono da Lua. De repente pegou no telemóvel e marcou um número em memória rápida. Com uma tecla só.

Carlos? Ricardo.

Eu sei que és tu. O teu nome está aqui no meu telemóvel. Vens ter connosco?

Não, nada disso. Tu vens ter comigo.

Era uma ordem.

Em tua casa? Mas eu estou com elas aqui no Estoril. Só atendi o telefone porque eras tu. As gajas estão a fazer um trabalho bestial. Estamos os três deitados, em pelo, é mais lógico tu vires para cá. Não vou pedir às garinas que se vistam para irmos para Cascais. E logo agora estou no ponto. Estou com um pau como eu nunca vi, ehehehehe! Mete-te na merda do carro e vem para cá tu mas é.

Não é nada disso. Tens que mandar a pequenada para casa ou deixá-la aí. Tu tens que vir já a minha casa, e tens que vir sozinho.

Tu és doido? Tu és mesmo doido! Eu aqui prestes a ter um orgasmo do caraças e tu dizes-me para mandar embora duas boazonas romenas, ou ucranianas ou o cacete, que não dizem uma palavra de português, com uns pares de mamas como eu nunca vi e uma bilhas fabulosas, para ir para tua casa aturar um marmelo como tu e o teu cão embirrento? Tu estás doido varrido. Adeus, Ricardo.

Não desligues, caraças. Tens mesmo que vir. É muito importante.

É algum caso de vida ou de morte? Se não é, até amanhã, ou melhor, até segunda-feira.

Tens que vir, Carlos. É o Dono da Lua.

Mais uma razão para eu não ir. Tchau. Vou desligar.

Não desligues, caraças. É mesmo muito importante, mas não dá para te explicar pelo telefone. Vai à casa de banho e bate uma pívnia. Dá uma desculpa e vem para minha casa. É mesmo urgente.

OK, Ricardo. Eu vou. Deixa-me dar uma trancada nestas gajas e vou ter contigo. Chego aí dentro de duas horas. Está bem assim?

Uma hora é mais que suficiente para te vires e vires para cá. Digamos que por volta da meia-noite e meia estás aqui, certo?

É isso. À uma da manhã estarei aí. Até logo.

Carlos estava praticamente a rosnar, alterando propositadamente a hora proposta por Ricardo, e desligando o telefone logo a seguir.

Carlos chegou a casa de Ricardo quando passavam dez minutos da uma da manhã. Entrou a resmungar, enquanto ia seguindo Ricardo para a sala.

Ricardo Nunes, meu grande cabrão. Espero que a merda que tens para me dizer seja mesmo importante. Nem me consegui vir, tal foi o estado em que o teu telefonema me deixou. Já não o levantei mais.

Assim que se sentou, Ricardo estendeu-lhe um papel. Era uma impressão do e-mail que recebera do Dono da Lua. Carlos leu-o atentamente. A seguir pôs a mão na cara dizendo baixinho,

Foda-se!

Tirou a mão da cara e olhou fixamente para Ricardo.

O que pensas tu disto?

Não sei. Não sei mesmo. Foi por isso que te telefonei. Não sei interpretar o volte-face. Tu é que vais dizer-me como devemos agir. Tu és o Director do jornal. Apresenta uma proposta. Ou acabamos com isto já e mandamos o gajo à merda, ou pegamos nisto com tomates e vemos o que dá, acarretando com as consequências.

Eu não posso decidir isso sozinho, Ricardo.

E vais decidir com quem? Não és tu o Director do Tribuna? Não me digas que queres discutir o assunto com a administração do grupo de imprensa? Com esses animais que não fazem ideia do que é o jornalismo?

Pois, claro que não, isso é que não fazia mesmo sentido, mas não sei, Ricardo. Não sei. Vou precisar de pensar. Pensar bastante.

Aquilo era bom sinal, pensou Ricardo. Quando Carlos dizia que ia pensar, era porque ia mesmo. E era, sobretudo, porque estava mesmo interessado. Era esta a faceta dele, a profissional, que merecia respeito no círculo de conhecidos e poucos amigos.

Isto pode ser uma bomba atómica, Ricardo.

Eu sei.

Tu sabes que eu passo a vida a enrolar-me com gajas. Levo uma vida da treta e depois dou comigo a pensar que gostava de ser como tu. Um gajo certinho que pode escolher a melhor mulher do mundo e que é um excelente pai, um grande profissional, com um faro extraordinário. Eu fico aqui todo acagaçado perante esta merda, quando tu já andavas a chamar-me a atenção para o gajo há mais de três quinze dias. Invejo-te, Ricardo. Sabias?

Ricardo lembrou-se do mesmo sentimento que tivera em relação a Carlos, e fez um gesto como que dizendo “deixa-te disso”.

Esta porcaria vai tirar-me o sono esta noite. Oxalá pudesse delegar esta decisão em ti. Tu, ao menos, tens andado a estudá-lo e conheces bem a mente do tipo.

Carlos passou a mão pelos cabelos com um suspiro de impaciência crispada. Depois voltou a olhar para o amigo nos olhos.

Olha, Ricardo, falamos melhor sobre isto na Segunda?

Claro que falamos, Carlos. E, se quiseres, até lá, telefona-me sempre que te apetecer.

«Caro Dono da Lua,

O meu jornal, o Tribuna, aceitou a sua proposta. Vamos fazer um acordo consigo, apesar de se esconder por trás de um nickname. Iremos publicar os seus textos, mas com uma nota editorial. Os nossos leitores não fazem ideia de quem você é, nem do que se propõe fazer. Por isso, peço-lhe que no seu primeiro texto, a publicar no Tribuna, seja bastante explícito, de forma que ninguém pense que alguma vez o apoiámos na sua ideia de suicídio on-line. Sem essa sua declaração, não avançamos com a publicação dos textos.

Quando quiser, mande o seu primeiro texto, dado que nós já temos a nossa nota editorial pronta e que será publicada a abrir a sua redacção.

Cumprimentos

Ricardo Nunes

(Director Adjunto do jornal Tribuna)»